

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL

DEPARTAMENTO DE ENSINO DOCTRINÁRIO

CURSO DE INTRODUÇÃO AO EVANGELHO

AULA 3 – A GÊNESE

A GÊNESE – PARTE 1

O Espiritismo é definido por Allan Kardec, em essência, nas obras *O que é o Espiritismo* e *O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão*. O ele sempre o define como uma ciência que trata da natureza do Mundo Espiritual, do destino dos Espíritos e das relações deste mundo com o Mundo Material. Assim definido, o Espiritismo moderno é equivalente não a uma religião tradicional, mas à Ciência Espírita, sem nada acrescentar ou retirar. Trata-se de uma ciência entre outras.

Semelhante ciência apresenta duas partes: a primeira corresponde à base experimental descrita em *O Livro dos Médiuns*, que se apóia na Psicologia Experimental dos fenômenos mediúnicos, sendo que os experimentos são feitos por meio dos aparelhos mediúnicos, psicográficos ou psicofônicos, em suas infinitas variedades. Destes experimentos segue-se a segunda parte da ciência, também chamada Doutrina dos Espíritos Superiores, que compreende os resultados ou conseqüências filosóficas, que constituem o Espiritismo filosófico e que também representa as infinitas aplicações da Ciência Espírita previstas para a Era Nova.

Dentre tais aplicações, os Espíritos Superiores destacam a que é considerada providencial ou finalidade da Ciência Espírita: o melhoramento espiritual da humanidade. Neste caso, a Ciência Espírita se transforma em Psicologia do Aperfeiçoamento moral, sendo que por 'moral' se entende "religare", que é o sentido original da palavra 'religião', a religião natural, primitiva, que possui todos os atributos potenciais da divindade. Esta parte define-se correntemente Espiritismo Religioso, ou parte da Doutrina dos Espíritos que representa o resultado máximo, ou finalidade última, do trabalho científico da aplicação da Ciência Espírita na investigação do psiquismo espiritual, naturalmente religioso, do homem, para a facilitação do árduo e lento esforço progressivo educativo de aproximação a Deus.

Nesta investigação, Kardec coligiu os resultados experimentais nas obras *O Céu e o Inferno* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que surgem como aplicações religiosas da Ciência Espiritual. O método experimental das ciências positivas é posto a serviço da construção da religião natural que, semelhante a Deus, sempre existiu, existe e sempre existirá na alma. O laboratório em que se opera semelhante método distribui-se nos volumes da *Revista Espírita*.

Podemos destacar diversos temas para os quais Kardec, no trabalho experimental de evocação dos Espíritos Superiores, focalizou seu poder de observador-cientista. A Ciência Espírita, na visão científico-religiosa de Kardec, pode ter como objeto de investigação qualquer sistema religioso. Nos sistemas religiosos, podemos destacar temas importantes, quais sejam: a revelação divina, a gênese divina, os milagres divinos e as predições dos profetas. Podemos estudá-los neste ou naquele sistema religioso. O sistema religioso que melhor refletiu a Doutrina Espírita, considerada eterna, foi, na opinião universal dos Espíritos Superiores, o Cristianismo, bem como seus antecedentes no Judaísmo. Assim, pois, Kardec salientou, em suas obras, estes dois sistemas como objeto de suas pesquisas experimentais.

Kardec considerou, por meio do método experimental da Ciência Espírita, o estudo do mencionados temas, no sistema religioso do Cristianismo e também do Judaísmo. Na obra *A Gênese, os Milagres e as Predições do Evangelho segundo o Espiritismo*, encontramos os resultados do trabalhos experimentais de Kardec, isto é, a informação doutrinária da Coletividade dos Espíritos Superiores e alguns sistemas formulados pelo próprio Kardec, no campo da Ciência Espírita e pelos cientistas encarnados, no campo das Ciências Materiais, sistemas estes que, por serem simples hipóteses, não passaram pela verificação experimental universal. Na parte dedicada ao estudo experimental da gênese divina, a parte chamada *A Gênese segundo*

o Espiritismo, Kardec agrupou, enciclopedicamente, os dados da Ciência Oficial de sua época, nas questões gerais e científicas que abordou e apresentou também os resultados da Doutrina sobre os mesmo temas. Para exemplificar como as Ciências Espírita e Material devem se unir para investigar os temas acima aventados, vamos, neste artigo, analisar um pouquinho da ordem das matérias da mencionada parte de um dos livros fundamentais da codificação.

Pelos dados universais dos Espíritos Superiores, que orientam a nós outros pertencentes à humanidade em adiantamento, a Ciência Espírita pode ter conseqüências filosóficas que podem tocar as questões sobre as causas primárias, questões estas abordadas no livro primeiro de O Livro dos Espíritos, intitulada Das Causas Primárias (ou primeiras). Nesta parte, é bem sabido, encontramos os problemas científico-filosóficos ligados às origens e alusivos aos princípios e hipóteses acerca das causas primárias. Dado que, segundo todos os Espíritos Superiores, três são os elementos gerais do universo: Deus, Espírito e Matéria, também três serão as causas primárias. Portando, três serão as partes das investigações experimentais sobre a gênese dos textos antigos: a gênese do Universo e a da Terra, a da Vida (Universal e Terrestre) e a da Humanidade. Tais investigações são realizados sob dois ângulos a serem unificados: do Mundo Material, na Ciência Material, e o do Mundo Espírita, na Ciência Espírita. Vamos agora aos capítulos da obra, que se classificam, em linhas geral, segundo os elementos gerais do Universo.

No capítulo I, Kardec trata do tema da revelação e como esta deve ser entendida segundo a Ciência Espírita. Este capítulo serve de base para todo o livro. O item 13 resume todo o capítulo.

No capítulo II, respectivamente intitulado Deus, encontramos um estudo, não abordado em O Livro dos Espíritos, sobre a natureza divina. O primeiro elemento geral do universo, Deus, é abordado segundo os dados da Ciência Espírita.

No capítulo III, intitulado O Bem e O Mal, encontramos os princípios e as hipóteses hauridas nas bases experimentais da doutrina as questões sobre a Psicologia da origem do Bem e do Mal, bem como sobre as questões correlatas na Biologia dos Instintos ou Etologia, ciência que engloba a teoria dos instintos e das paixões, vistas tanto como Ciências Materiais como Ciências Espíritas.

No capítulo IV, intitulado O Papel da Ciência na Gênese, apresenta-se a função da Ciência Material e delimita-se o sistema religioso que será objeto das investigações científicas: neste caso, a Gênese Moisaica, porque está é por Kardec considerada a mais consistente com a Ciência Material Oficial. No item 3, define-se o papel da Ciência, e esta engloba as Ciências Espírita e Material, e sua relação com a Religião, no que concerne às questões sobre as origens.

Nos capítulos V e VI, Kardec introduz propriamente a Cosmologia Geral, isto é, o estudo sobre a origem e estrutura do Universo Material. No capítulo V, trata-se, em linhas gerais, da História da Ciência Astronômica, de suas hipóteses e princípios. Já no capítulo VI, trata-se da Uranografia Geral, ou Cosmologia Geral, que sumaria investigações psicográficas de Camille Flammarion, um conjunto de dados teóricos fundamentais sobre a Cosmologia Física, que foram por Kardec atribuídos ao Espírito do insigne astrônomo Galileu Galilei . Os temas gerais da Uranografia são investigados, a um tempo, sob dois ângulos: o da Ciência Material e Espiritual.

Em próximo artigo, trataremos das outras partes do livro Gênese, explicitando sua ordem e conteúdo. Apresentaremos também o papel experimental de grande atualidade da obras de Kardec na Constituição Transitória do Espiritismo.

A GÊNESE – PARTE 2

No artigo anterior (vide artigos anteriores), apresentamos os conteúdos e partes da subparte obra da codificação intitulada a Gênese segundo o Espiritismo. Para ler o presente artigo, pedimos aos leitores que comecem por lá. Aqui, daremos prosseguimento aos nossos estudos, continuando apresentando a ordem das matérias de A Gênese. Entretanto, nem todos os capítulos serão discutidos aqui. Tais serão descritos em outros artigos.

II. Cosmogênese, Geogênese e Biogênese Espirituais e Materias: A Gênese Mosaica reconstituída segundo as Leis da Natureza

Nos capítulos VII, VIII e IX, respectivamente intitulados Esboço Geológico da Terra (Esquisse Geologique de la Terre), Teorias Sobre a Formação da Terra e Revoluções do Globo, Kardec apresenta, de forma a um tempo precisa e enciclopédica, os princípios¹ e hipóteses² elaborados pela Ciência Material sobre as causas primárias que fundamentaram a origem da Terra. Neles, o Codificador revela seu profundo interesse pela Geologia, que passa a ser chamada para constituir a verdadeira gênese da Terra e diversos pontos deixados em aberto em O Livro dos Espíritos são, nessa oportunidade, aprofundados. O primeiro passo foi apresentar os elementos da Geologia Histórica, isto é, os princípios e hipóteses referentes aos períodos geológicos, fundamentados nos estudos dos fósseis e atualmente aceitos com base na Geologia Nuclear. Os capítulos VIII e IX tratam, com base no esboço geológico, respectivamente e em primeiro lugar do estado passado da Terra (chamado pelos cientistas período azóico) em segundo lugar, do estado presente e futuro da Terra. O primeiro, intitula-se Teorias sobre a Formação da Terra, e o segundo, Revoluções do Globo.

No que se refere a esses estados, Kardec apresenta, no primeiro, o estado passado da Terra, durante sua formação; neste caso, apresenta alguns princípios da Geologia, bem como algumas hipóteses correspondentes às teorias sobre a formação de nosso globo. Obviamente, ele apresentou os sistemas hipotéticos em voga em sua época. Kardec opta, no item 3, pela teoria da condensação da matéria cósmica, por estar de acordo com o princípio uranográfico de unidade universal na variedade universal (formulado pelo Espírito de Galileu via Camille Flammarion, como o brasão do Universo) e por ser aceita pela maioria dos Geólogos de sua época e pelo fato de que a hipótese da condensação está de acordo simultaneamente com a experiência e com a razão. No terreno da Ciência Oficial, na medida em que esta experimenta a matéria, o Espiritismo, ou Ciência Espírita, devia aceitar plenamente os princípios desta ou daquela ciência. Obviamente, o Espiritismo ainda deve se interessar por semelhante questão, dado que a origem do planeta ainda é um problema para a Ciência de hoje.

Nos outros estados da Terra, relativos ao atual, Kardec apresenta os princípios e hipóteses da Geologia sobre as modificações atuais e futuras do orbe. Neste capítulo IX, a questão do dilúvio universal é tratada com as ferramentas da Geologia. A questão fora colocada em O Livro dos Espíritos (item 6, sobre as concordâncias bíblica do tocante à criação, subitem 59, do terceiro capítulo, sobre Criação Primária, da primeira parte, sobre as causas primárias), no qual Kardec faz uma refutação do sentido literal prestado ao dilúvio bíblico mencionado e descrito por Moisés. Reconsidera, contudo, o tema colocado por Moisés, por meio do sentido figurado, para fazer com a Ciência seja chamada a reconstituí-lo, de acordo com as leis da Natureza; apresenta, então, duas hipóteses científicas sobre o dilúvio bíblico e apresenta a conclusão geral, perfeitamente inteligível para o cientista e para o filósofo, de que o dilúvio bíblico não foi universal, mas sim parcialmente periódico.

Consideremos, agora, o capítulo X, em que se considera a Gênese Orgânica, ou Biogênese. Tal parte de A Gênese é um aprofundamento dos capítulos III e IV na primeira parte de O Livro dos Espíritos, e do capítulo IX, na segunda parte, respectivamente intitulados Da Criação Primária, Do Princípio Vital, e Dos Três Reinos. A grande questão é a origem da vida segundo os princípios e hipóteses levantados pela Ciência Material, no caso a Biologia de então, ainda nascente. Os sistemas, ainda em estado de hipóteses empíricas, discutidos na época de Kardec eram sistemas vitalistas, segundo os quais um ser, para se tornar vivo, deveria ser acrescido de um princípio não encontrado na organização puramente material deste ser: o princípio vital.

A doutrina do vitalismo era aceita e defendida por muitos cientistas no século XIX e no início do século XX. No que tange a um problema mais específico sobre a origem da vida, o da origem das espécies de seres vivos, dois sistemas se confrontavam: o de Aristóteles, referente à hipótese de que os seres vivos, a vida em geral, surge por geração espontânea³ e o outro sistema, posteriormente consagrado pela Ciência Atual e pela ciência do século XX, o sistema evolucionista de Darwin-Lamarck-Wallace, sem que Kardec mencionasse os nomes desses insígnis cientistas, segundo o qual os seres vivos, as espécies, surgiam a partir de espécies mais simples, por meio de uma lei natural, denominada seleção natural, que caracteriza a origem evolutiva das espécies. A polêmica vitalismo versus criacionismo, levantada pelas hipóteses de Lamarck-Darwin-Wallace (hoje reconhecidas como princípios constatados pela maioria da comunidade

científica) não ficou à parte nas considerações do mestre de Lyon, que coloca a solução oferecida pela Doutrina dos Espíritos, ao discutir o problema intrincado, tanto para a Biologia Genética como para a Antropologia Naturalista, da origem da espécie humana. O leitor interessado verá que Kardec, junto aos Espíritos Superiores, encontrou meio-termo sábio para a questão, sendo consistente, por um lado, com a Ciência Material e, por outro, com o ensino coletivo dos Espíritos Superiores.

No próximo artigo, apresentaremos a ordem das matérias das subpartes da Codificação intituladas Os Milagres segundo o Espiritismo e as Predições segundo o Espiritismo. Na conclusão, aventaremos algumas relações desta importante obra com Obras Póstumas, especificamente com a Constituição Transitória do Espiritismo.

1[1] Kardec utiliza a palavra 'princípio' para se referir a uma proposição verdadeira em uma doutrina, cuja veracidade foi comprovada por meio da experiência por meio de uma verificação empírica universal.

1[2] Kardec utiliza a palavra 'hipótese' para se referir a uma proposição em um sistema científico, filosófico ou religioso, cuja veracidade ou falsidade não foram comprovadas universalmente pela experiência, e que por isto, deve passar pelo teste da verificação universal. Assim, se uma proposição hipotética passa pela verificação universal, então ele se converte em um princípio doutrinário. Se não, deve continuar a ser discutida e experimentada dentro de um sistema teórico, mas nunca como proposição doutrinal. As hipóteses de um sistema nunca podem ser generalizadas; para um exemplo sobre a noção de sistema, consultar a RE de 1860, EDICEL, p. 211-12 , em que Kardec discute o sistema de fisiognomia de Lavater.

1[3] Não temos espaço aqui para tratar das investigações de Kardec sobre o sistema da geração espontânea, sistema que o mestre de Lyon não abandonou completamente, dada sua aceitação, compatível com a Doutrina dos Espíritos, da doutrina vitalista no campo da Biologia. A Ciência Oficial contudo, parece Ter, no século XX, rejeitado completamente qualquer premissa vitalista, aceitando as hipóteses de seleção natural da Teoria da Evolução de Darwin-Lamarck, hoje aceitas como *princípios* integrantes da grande teoria biológica conhecida com *Teoria Sintética*. Noutra oportunidade, trataremos mais particularmente da inserção da Teoria Sintética na Doutrina dos Espíritos, no terreno da matéria.

A GÊNESE – PARTE 3

I.- Introdução

Este artigo é o terceiro de uma série de artigos. Aqui, descrevemos os conteúdos e subdivisões propostos por Allan Kardec para as investigações sobre a origem espiritual e material da espécie humana, bem como a investigação sobre a Gênese Mosaica, que reúne os elementos investigados nos outros capítulos da codificação. Apresenta-se, também, um quadro sinóptico dos assuntos tratados neste artigo e nos outros. Indica-se semelhante quadro como um roteiro para investigações científicas sobre os temas aventados ao longo dos artigos.

II. Filogêneses Espiritual e Material

Consideremos agora o capítulo XI, dedicado ao enfoque doutrinário à questão das gêneses anteriormente apresentadas. Ao lado da Matéria, o Espírito é um elemento geral do universo; se há gênese da Matéria, deve haver, pois, a gênese do Espírito. Da combinação deste dois elementos, conceberam os Espíritos Superiores, deve resultar a verdadeira Gênese, a Gênese Mosaica, a mesma que fora revelada por Deus a Moisés.

No sexto dia da criação, foi criado o homem. Como se deu isto? Semelhante questão é abordada, numa ordem progressiva, por meio dos princípios doutrinários relativos à união entre Espírito e Matéria, denominada, em Metafísica, *problema mente-matéria/corpo*. Em primeiro lugar, introduz-se a natureza do princípio espiritual, com suas propriedades; em seguida, trata-se da união psicofísica, isto é, a união entre os elementos gerais do universo é discutida, e apresenta-se, após se retomar algumas hipóteses dos dois sistemas sobre a origem do Espírito[1] e a do corpo humano. Sobre a hipótese sobre a origem do corpo humano, Kardec retoma a polêmica (por ele considerada útil ao avanço da Ciência Espírita)[2] evolucionismo, de Lamarck-Darwin-Wallace *versus* criacionismo, do Poder Religioso vigente nos séculos

XVIII e XIX, formulada na doutrina da Teologia Natural de William Paley[3]. Desta união, segue-se suas outras modalidades, relativas ao princípio de *encarnação do Espírito* e o da *reencarnação do Espírito*. Dado que a reencarnação cria uma solidariedade universal entre as humanidades terrestre e extra-terrestre, de tais princípios surge um terceiro, o princípio de migração espiritual, que permite interpretar a doutrina dogmática dos anjos decaídos de modo a formar um corpo de proposições científicas, que fundamenta efetivamente diversos sistemas religiosos, dentre os quais, como já foi dito, destaca-se o sistema religioso judaico de Moisés, por concordar mais com as Ciências Espírita e Material. Surgem, pois, os *princípios científicos, com base nos quais se pode interpretar o Antigo Testamento*: obtém-se, pois, a interpretação da doutrina dos "Anjos Decaídos", da "Perda do Paraíso", e do "Pecado Original", todos relativos à Raça Adâmica formada por Espíritos rebeldes de Humanidades Celestiais[4].

Resta, por fim, o coroamento do livro *A Gênese Segundo o Espiritismo*[5], que representa a finalidade de todo o estudo empreendido por Kardec sob orientação dos instrutores de outras esferas. Na introdução do capítulo, diz ele, no item 2:

Depois das explicações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conformemente aos dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam esclarecimentos especiais.

Apresenta-se, pois, o quadro comparativo das *diferenças e semelhanças* entre a Gênese de Moisés e a Gênese Material, no item 5. Contrariamente à tendência geral dos que lêem esta obra da Codificação, as *investigações*, obviamente, não devem parar neste item.

Oferecemos abaixo um quadro, que resume as o plano geral da obra e representa também uma "matriz de descoberta", por meio da qual podemos unir diversos temas ligados tanto às ciências espírita como às ciências materiais:

DIAS	Gênese Mosaica (Dias da Criação)	Elementos Gerais do Universo				
		Causalidade Física		Causalidade Inteligente	Causalidade Primeira	
		Matéria		Espírito	Deus	
1	Universo ou Cosmogênese	P E R Í O D O S G E O L Ó G I C O S	Período Astronômico	Origem do Universo material e esboço geológico da Terra; matéria cósmica	Origem do espírito; fluídos vitais. Universo Espiritual e esboço geológico da Terra espiritual; fluído universal	Ação de Deus na criação do Universo e da Terra; fluído inteligente
2	Terra: Geogênese		Período Primário			
3	Vida Universal: Biogênese		Período de Transição	Origem da vida material na Terra; matéria viva	Origem da vida espiritual na Terra; fluído vital	Ação de Deus na criação da vida universal
4			Período Secundário			
5			Período Terciário			
6	Espécie Humana: Fologênese		Período Quaternário ou pós-diluviano	Origem da espécie humana terrestre; o corpo humano	Origem dos espíritos humanos terrestre e celestial	Ação de Deus na criação das humanidades terrestre e celestial

Poderíamos ainda juntar a tal quadro os capítulos que estudamos ao longo da série de artigos. Aqui, contudo, acrescentamos apenas que tal quadro poderia ser visto como um roteiro para investigações empíricas no Espiritismo. No próximo artigo, trataremos de concluir a série de artigos e retomaremos o quadro acima.

[1] Os sistemas sobre a origem do Espírito, ou da filogênese espiritual, quais sejam os do progresso com solução de continuidade e o do progresso com continuidade, são discutidas sob forma de apresentação de dois sistemas de hipóteses apresentadas por Kardec na nota à questão 613. Trata-se da questão da progressiva individualização do princípio inteligente, na medida em que este perpassa os três reinos da Natureza, questão de capital importância para a Ciência Biológica da Etologia e para a Psicologia dos Instintos.

[2] Remetemos o leitor para a discussão feita por Allan Kardec sobre a necessidade de polêmicas construtivas para o avanço da doutrina, assunto muito atual nos dias de hoje. Cf. Revista Espírita de 1858, EDICEL, p.305 e segs.

[3] Para um breve histórico da controvérsia criacionismo versus naturalismo, ver o excelente artigo de C. Vitor, A Conscientização da Eternidade, RIE 1998, pp.88-89.

[4] Sobre os princípios da Ciência Espírita acerca da perda do Paraíso, é interessante examinar as instruções psicográficas dadas pelo Espírito de Emmanuel no livro A Caminho da Luz: A História da Civilização à Luz do Espiritismo. Algumas hipóteses sistemáticas e polêmicas foram levantadas por Edgar Armond na obra Os Exilados de Capela. Tais instruções, contudo, até onde sabemos, não passaram pela verificação universal, para que possam ser consideradas princípios integrantes da Doutrina. É importante, contudo, dar grande peso à veracidade às hipóteses reveladas por Emmanuel, dada sua elevação espiritual demonstrada por suas obras.

[5] A Gênese Segundo o Espiritismo. Trad. Guilon Ribeiro. FEB, 1988, p.238.

A GÊNESE – PARTE 1

O Espiritismo é definido por Allan Kardec, em essência, nas obras O que é o Espiritismo e O Espiritismo em Sua Mais Simples Expressão. O ele sempre o define como uma ciência que trata da natureza do Mundo Espiritual, do destino dos Espíritos e das relações deste mundo com o Mundo Material. Assim definido, o Espiritismo moderno é equivalente não a uma religião tradicional, mas à Ciência Espírita, sem nada acrescentar ou retirar. Trata-se de uma ciência entre outras.

Semelhante ciência apresenta duas partes: a primeira corresponde à base experimental descrita em O Livro dos Médiuns, que se apóia na Psicologia Experimental dos fenômenos mediúnicos, sendo que os experimentos são feitos por meio dos aparelhos mediúnicos, psicográficos ou psicofônicos, em suas infinitas variedades. Destes experimentos segue-se a segunda parte da ciência, também chamada Doutrina dos Espíritos Superiores, que compreende os resultados ou conseqüências filosóficas, que constituem o Espiritismo filosófico e que também representa as infinitas aplicações da Ciência Espírita previstas para a Era Nova.

Dentre tais aplicações, os Espíritos Superiores destacam a que é considerada providencial ou finalidade da Ciência Espírita: o melhoramento espiritual da humanidade. Neste caso, a Ciência Espírita se transforma em Psicologia do Aperfeiçoamento moral, sendo que por `moral´ se entende "religare", que é o sentido original da palavra `religião´, a religião natural, primitiva, que possui todos os atributos potenciais da divindade. Esta parte define-se correntemente Espiritismo Religioso, ou parte da Doutrina dos Espíritos que representa o resultado máximo, ou finalidade última, do trabalho científico da aplicação da Ciência Espírita na investigação do psiquismo espiritual, naturalmente religioso, do homem, para a facilitação do árduo e lento esforço progressivo educativo de aproximação a Deus.

Nesta investigação, Kardec coligiu os resultados experimentais nas obras O Céu e o Inferno e O Evangelho segundo o Espiritismo, que surgem como aplicações religiosas da Ciência Espiritual. O método experimental das ciências positivas é posto a serviço da construção da religião natural que, semelhante a

Deus, sempre existiu, existe e sempre existirá na alma. O laboratório em que se opera semelhante método distribui-se nos volumes da Revista Espírita.

Podemos destacar diversos temas para os quais Kardec, no trabalho experimental de evocação dos Espíritos Superiores, focalizou seu poder de observador-cientista. A Ciência Espírita, na visão científico-religiosa de Kardec, pode ter como objeto de investigação qualquer sistema religioso. Nos sistemas religiosos, podemos destacar temas importantes, quais sejam: a revelação divina, a gênese divina, os milagres divinos e as predições dos profetas. Podemos estudá-los neste ou naquele sistema religioso. O sistema religioso que melhor refletiu a Doutrina Espírita, considerada eterna, foi, na opinião universal dos Espíritos Superiores, o Cristianismo, bem como seus antecedentes no Judaísmo. Assim, pois, Kardec salientou, em suas obras, estes dois sistemas como objeto de suas pesquisas experimentais.

Kardec considerou, por meio do método experimental da Ciência Espírita, o estudo do mencionados temas, no sistema religioso do Cristianismo e também do Judaísmo. Na obra *A Gênese, os Milagres e as Predições do Evangelho segundo o Espiritismo*, encontramos os resultados do trabalhos experimentais de Kardec, isto é, a informação doutrinária da Coletividade dos Espíritos Superiores e alguns sistemas formulados pelo próprio Kardec, no campo da Ciência Espírita e pelos cientistas encarnados, no campo das Ciências Materiais, sistemas estes que, por serem simples hipóteses, não passaram pela verificação experimental universal. Na parte dedicada ao estudo experimental da gênese divina, a parte chamada *A Gênese segundo o Espiritismo*, Kardec agrupou, enciclopedicamente, os dados da Ciência Oficial de sua época, nas questões gerais e científicas que abordou e apresentou também os resultados da Doutrina sobre os mesmo temas. Para exemplificar como as Ciências Espírita e Material devem se unir para investigar os temas acima aventados, vamos, neste artigo, analisar um pouquinho da ordem das matérias da mencionada parte de um dos livros fundamentais da codificação.

Pelos dados universais dos Espíritos Superiores, que orientam a nós outros pertencentes à humanidade em adiantamento, a Ciência Espírita pode ter conseqüências filosóficas que podem tocar as questões sobre as causas primárias, questões estas abordadas no livro primeiro de *O Livro dos Espíritos*, intitulada *Das Causas Primárias* (ou primeiras). Nesta parte, é bem sabido, encontramos os problemas científico-filosóficos ligados às origens e alusivos aos princípios e hipóteses acerca das causas primárias. Dado que, segundo todos os Espíritos Superiores, três são os elementos gerais do universo: Deus, Espírito e Matéria, também três serão as causas primárias. Portando, três serão as partes das investigações experimentais sobre a gênese dos textos antigos: a gênese do Universo e a da Terra, a da Vida (Universal e Terrestre) e a da Humanidade. Tais investigações são realizados sob dois ângulos a serem unificados: do Mundo Material, na Ciência Material, e o do Mundo Espírita, na Ciência Espírita. Vamos agora aos capítulos da obra, que se classificam, em linhas geral, segundo os elementos gerais do Universo.

No capítulo I, Kardec trata do tema da revelação e como esta deve ser entendida segundo a Ciência Espírita. Este capítulo serve de base para todo o livro. O item 13 resume todo o capítulo.

No capítulo II, respectivamente intitulado *Deus*, encontramos um estudo, não abordado em *O Livro dos Espíritos*, sobre a natureza divina. O primeiro elemento geral do universo, Deus, é abordado segundo os dados da Ciência Espírita.

No capítulo III, intitulado *O Bem e O Mal*, encontramos os princípios e as hipóteses hauridas nas bases experimentais da doutrina as questões sobre a Psicologia da origem do Bem e do Mal, bem como sobre as questões correlatas na Biologia dos Instintos ou Etologia, ciência que engloba a teoria dos instintos e das paixões, vistas tanto como Ciências Materiais como Ciências Espíritas.

No capítulo IV, intitulado *O Papel da Ciência na Gênese*, apresenta-se a função da Ciência Material e delimita-se o sistema religioso que será objeto das investigações científicas: neste caso, a *Gênese Moisaica*, porque está é por Kardec considerada a mais consistente com a Ciência Material Oficial. No item 3, define-se o papel da Ciência, e esta engloba as Ciências Espírita e Material, e sua relação com a Religião, no que concerne às questões sobre as origens.

Nos capítulos V e VI, Kardec introduz propriamente a *Cosmologia Geral*, isto é, o estudo sobre a origem e estrutura do Universo Material. No capítulo V, trata-se, em linhas gerais, da História da Ciência

Astronômica, de suas hipóteses e princípios. Já no capítulo VI, trata-se da Uranografia Geral, ou Cosmologia Geral, que sumaria investigações psicográficas de Camille Flammarion, um conjunto de dados teóricos fundamentais sobre a Cosmologia Física, que foram por Kardec atribuídos ao Espírito do insigne astrônomo Galileu Galilei . Os temas gerais da Uranografia são investigados, a um tempo, sob dois ângulos: o da Ciência Material e Espiritual.

Em próximo artigo, trataremos das outras partes do livro Gênese, explicitando sua ordem e conteúdo. Apresentaremos também o papel experimental de grande atualidade das obras de Kardec na Constituição Transitória do Espiritismo.

A GÊNESE – PARTE 2

No artigo anterior (vide artigos anteriores), apresentamos os conteúdos e partes da subparte obra da codificação intitulada a Gênese segundo o Espiritismo. Para ler o presente artigo, pedimos aos leitores que comecem por lá. Aqui, daremos prosseguimento aos nossos estudos, continuando apresentando a ordem das matérias de A Gênese. Entretanto, nem todos os capítulos serão discutidos aqui. Tais serão descritos em outros artigos.

II. Cosmogênese, Geogênese e Biogênese Espirituais e Matérias: A Gênese Mosaica reconstituída segundo as Leis da Natureza

Nos capítulos VII, VIII e IX, respectivamente intitulados Esboço Geológico da Terra (Esquisse Geologique de la Terre), Teorias Sobre a Formação da Terra e Revoluções do Globo , Kardec apresenta, de forma a um tempo precisa e enciclopédica, os princípios¹ e hipóteses² elaborados pela Ciência Material sobre as causas primárias que fundamentaram a origem da Terra. Neles, o Codificador revela seu profundo interesse pela Geologia, que passa a ser chamada para constituir a verdadeira gênese da Terra e diversos pontos deixados em aberto em O Livro dos Espíritos são, nessa oportunidade, aprofundados. O primeiro passo foi apresentar os elementos da Geologia Histórica, isto é, os princípios e hipóteses referentes aos períodos geológicos, fundamentados nos estudos dos fósseis e atualmente aceitos com base na Geologia Nuclear. Os capítulos VIII e IX tratam, com base no esboço geológico, respectivamente e em primeiro lugar do estado passado da Terra (chamado pelos cientistas período azóico) em segundo lugar, do estado presente e futuro da Terra. O primeiro, intitula-se Teorias sobre a Formação da Terra, e o segundo, Revoluções do Globo.

No que se refere a esses estados, Kardec apresenta, no primeiro, o estado passado da Terra, durante sua formação; neste caso, apresenta alguns princípios da Geologia, bem como algumas hipóteses correspondentes às teorias sobre a formação de nosso globo. Obviamente, ele apresentou os sistemas hipotéticos em voga em sua época. Kardec opta, no item 3, pela teoria da condensação da matéria cósmica, por estar de acordo com o princípio uranográfico de unidade universal na variedade universal (formulado pelo Espírito de Galileu via Camille Flammarion, como o brasão do Universo) e por ser aceita pela maioria dos Geólogos de sua época e pelo fato de que a hipótese da condensação está de acordo simultaneamente com a experiência e com a razão. No terreno da Ciência Oficial, na medida em que esta experimenta a matéria, o Espiritismo, ou Ciência Espírita, devia aceitar plenamente os princípios desta ou daquela ciência. Obviamente, o Espiritismo ainda deve se interessar por semelhante questão, dado que a origem do planeta ainda é um problema para a Ciência de hoje.

Nos outros estados da Terra, relativos ao atual, Kardec apresenta os princípios e hipóteses da Geologia sobre as modificações atuais e futuras do orbe. Neste capítulo IX, a questão do dilúvio universal é tratada com as ferramentas da Geologia. A questão fora colocada em O Livro dos Espíritos (item 6, sobre as concordâncias bíblica do tocante à criação, subitem 59, do terceiro capítulo, sobre Criação Primária, da primeira parte, sobre as causas primárias), no qual Kardec faz uma refutação do sentido literal prestado ao dilúvio bíblico mencionado e descrito por Moisés. Reconsidera, contudo, o tema colocado por Moisés, por meio do sentido figurado, para fazer com a Ciência seja chamada a reconstituí-lo, de acordo com as leis da Natureza; apresenta, então, duas hipóteses científicas sobre o dilúvio bíblico e apresenta a conclusão geral, perfeitamente inteligível para o cientista e para o filósofo, de que o dilúvio bíblico não foi universal, mas sim parcialmente periódico.

Consideremos, agora, o capítulo X, em que se considera a Gênese Orgânica, ou Biogênese. Tal parte de A Gênese é um aprofundamento dos capítulos III e IV na primeira parte de O Livro dos Espíritos, e do capítulo IX, na segunda parte, respectivamente intitulados Da Criação Primária, Do Princípio Vital, e Dos Três Reinos. A grande questão é a origem da vida segundo os princípios e hipóteses levantados pela Ciência Material, no caso a Biologia de então, ainda nascente. Os sistemas, ainda em estado de hipóteses empíricas, discutidos na época de Kardec eram sistemas vitalistas, segundo os quais um ser, para se tornar vivo, deveria ser acrescido de um princípio não encontrado na organização puramente material deste ser: o princípio vital.

A doutrina do vitalismo era aceita e defendida por muitos cientistas no século XIX e no início do século XX. No que tange a um problema mais específico sobre a origem da vida, o da origem das espécies de seres vivos, dois sistemas se confrontavam: o de Aristóteles, referente à hipótese de que os seres vivos, a vida em geral, surge por geração espontânea³ e o outro sistema, posteriormente consagrado pela Ciência Atual e pela ciência do século XX, o sistema evolucionista de Darwin-Lamarck-Wallace, sem que Kardec mencionasse os nomes desses insígnis cientistas, segundo o qual os seres vivos, as espécies, surgiam a partir de espécies mais simples, por meio de uma lei natural, denominada seleção natural, que caracteriza a origem evolutiva das espécies. A polêmica vitalismo versus criacionismo, levantada pelas hipóteses de Lamarck-Darwin-Wallace (hoje reconhecidas como princípios constatados pela maioria da comunidade científica) não ficou à parte nas considerações do mestre de Lyon, que coloca a solução oferecida pela Doutrina dos Espíritos, ao discutir o problema intrincado, tanto para a Biologia Genética como para a Antropologia Naturalista, da origem da espécie humana. O leitor interessado verá que Kardec, junto aos Espíritos Superiores, encontrou meio-termo sábio para a questão, sendo consistente, por um lado, com a Ciência Material e, por outro, com o ensino coletivo dos Espíritos Superiores.

No próximo artigo, apresentaremos a ordem das matérias das subpartes da Codificação intituladas Os Milagres segundo o Espiritismo e as Predições segundo o Espiritismo. Na conclusão, aventaremos algumas relações desta importante obra com Obras Póstumas, especificamente com a Constituição Transitória do Espiritismo.

1[1] Kardec utiliza a palavra 'princípio' para se referir a uma proposição verdadeira em uma doutrina, cuja veracidade foi comprovada por meio da experiência por meio de uma verificação empírica universal.

1[2] Kardec utiliza a palavra 'hipótese' para se referir a uma proposição em um sistema científico, filosófico ou religioso, cuja veracidade ou falsidade não foram comprovadas universalmente pela experiência, e que por isto, deve passar pelo teste da verificação universal. Assim, se uma proposição hipotética passa pela verificação universal, então ele se converte em um princípio doutrinário. Se não, deve continuar a ser discutida e experimentada dentro de um sistema teórico, mas nunca como proposição doutrinal. As hipóteses de um sistema nunca podem ser generalizadas; para um exemplo sobre a noção de sistema, consultar a RE de 1860, EDICEL, p. 211-12 , em que Kardec discute o sistema de fisiognomia de Lavater.

1[3] Não temos espaço aqui para tratar das investigações de Kardec sobre o sistema da geração espontânea, sistema que o mestre de Lyon não abandonou completamente, dada sua aceitação, compatível com a Doutrina dos Espíritos, da doutrina vitalista no campo da Biologia. A Ciência Oficial contudo, parece Ter, no século XX, rejeitado completamente qualquer premissa vitalista, aceitando as hipóteses de seleção natural da Teoria da Evolução de Darwin-Lamarck, hoje aceitas como *princípios* integrantes da grande teoria biológica conhecida com *Teoria Sintética*. Noutra oportunidade, trataremos mais particularmente da inserção da Teoria Sintética na Doutrina dos Espíritos, no terreno da matéria.

A GÊNESE – PARTE 3

I.- Introdução

Este artigo é o terceiro de uma série de artigos. Aqui, descrevemos os conteúdos e subdivisões propostos por Allan Kardec para as investigações sobre a origem espiritual e material da espécie humana, bem como a investigação sobre a Gênese Mosaica, que reúne os elementos investigados nos outros capítulos da codificação. Apresenta-se, também, um quadro sinóptico dos assuntos tratados neste artigo e nos outros.

Indica-se semelhante quadro como um roteiro para investigações científicas sobre os temas aventados ao longo dos artigos.

II. Filogêneses Espiritual e Material

Consideremos agora o capítulo XI, dedicado ao enfoque doutrinário à questão das gêneses anteriormente apresentadas. Ao lado da Matéria, o Espírito é um elemento geral do universo; se há gênese da Matéria, deve haver, pois, a gênese do Espírito. Da combinação deste dois elementos, conceberam os Espíritos Superiores, deve resultar a verdadeira Gênese, a Gênese Mosaica, a mesma que fora revelada por Deus a Moisés.

No sexto dia da criação, foi criado o homem. Como se deu isto? Semelhante questão é abordada, numa ordem progressiva, por meio dos princípios doutrinários relativos à união entre Espírito e Matéria, denominada, em Metafísica, *problema mente-matéria/corpo*. Em primeiro lugar, introduz-se a natureza do princípio espiritual, com suas propriedades; em seguida, trata-se da união psicofísica, isto é, a união entre os elementos gerais do universo é discutida, e apresenta-se, após se retomar algumas hipóteses dos dois sistemas sobre a origem do Espírito[1] e a do corpo humano. Sobre a hipótese sobre a origem do corpo humano, Kardec retoma a polêmica (por ele considerada útil ao avanço da Ciência Espírita)[2] evolucionismo, de Lamarck-Darwin-Wallace *versus* criacionismo, do Poder Religioso vigente nos séculos XVIII e XIX, formulada na doutrina da Teologia Natural de William Paley[3]. Desta união, segue-se suas outras modalidades, relativas ao princípio de *encarnação do Espírito* e o da *reencarnação do Espírito*. Dado que a reencarnação cria uma solidariedade universal entre as humanidades terrestre e extra-terrestre, de tais princípios surge um terceiro, o princípio de migração espiritual, que permite interpretar a doutrina dogmática dos anjos decaídos de modo a formar um corpo de proposições científicas, que fundamenta efetivamente diversos sistema religiosos, dentre os quais, como já foi dito, destaca-se o sistema religioso judaico de Moisés, por concordar mais com as Ciências Espírita e Material. Surgem, pois, os *princípios científicos, com base nos quais se pode interpretar o Antigo Testamento*: obtém-se, pois, a interpretação da doutrina da doutrina dos "Anjos Decaídos", da "Perda do Paraíso", e do "Pecado Original", todos relativos à Raça Adâmica formada por Espíritos rebeldes de Humanidades Celestiais[4].

Resta, por fim, o coroamento do livro *A Gênese Segundo o Espiritismo*[5], que representa a finalidade de todo o estudo empreendido por Kardec sob orientação dos instrutores de outras esferas. Na introdução do capítulo, diz ele, no item 2:

Depois das explicações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conformemente aos dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam esclarecimentos especiais.

Apresenta-se, pois, o quadro comparativo das *diferenças e semelhanças* entre a Gênese de Moisés e a Gênese Material, no item 5. Contrariamente à tendência geral dos que lêem esta obra da Codificação, as *investigações*, obviamente, não devem parar neste item.

Oferecemos abaixo um quadro, que resume as o plano geral da obra e representa também uma "matriz de descoberta", por meio da qual podemos unir diversos temas ligados tanto às ciências espírita como às ciências materiais:

DIAS	Gênese Mosaica (Dias da Criação)	Elementos Gerais do Universo				
		Causalidade Física		Causalidade Inteligente	Causalidade Primeira	
		Matéria		Espírito	Deus	
1	Universo ou Cosmogênese	P E R Í O D O	Período Astronômico	Origem do Universo material e esboço	Origem do espírito; fluídos vitais. Universo Espiritual e esboço geológico da	Ação de Deus na criação do Universo e da Terra; fluído inteligente
2	Terra: Geogênese		Período			

		O D O S G E O L Ó G I C O S	Primário	geológico da Terra; matéria cósmica	Terra espiritual; fluído universal	
3	Vida Universal: Biogênese		Período de Transição	Origem da vida material na Terra; matéria viva	Origem da vida espiritual na Terra; fluído vital	Ação de Deus na criação da vida universal
4			Período Secundário			
			Período Terciário			
5	Espécie Humana: Fologênese		Período Quaternário ou pós-diluviano	Origem da espécie humana terrestre; o corpo humano	Origem dos espíritos humanos terrestre e celestial	Ação de Deus na criação das humanidades terrestre e celestial
6						

Poderíamos ainda ajuntar a tal quadro os capítulos que estudamos ao longo da série de artigos. Aqui, contudo, acrescentamos apenas que tal quadro poderia ser visto como um roteiro para investigações empíricas no Espiritismo. No próximo artigo, trataremos de concluir a série de artigos e retomaremos o quadro acima.

[1] Os sistemas sobre a origem do Espírito, ou da filogênese espiritual, quais sejam os do progresso com solução de continuidade e o do progresso com continuidade, são discutidas sob forma de apresentação de dois sistemas de hipóteses apresentadas por Kardec na nota à questão 613. Trata-se da questão da progressiva individualização do princípio inteligente, na medida em que este perpassa os três reinos da Natureza, questão de capital importância para a Ciência Biológica da Etologia e para a Psicologia dos Instintos.

[2] Remetemos o leitor para a discussão feita por Allan Kardec sobre a necessidade de polémicas construtivas para o avanço da doutrina, assunto muito atual nos dias de hoje. Cf. Revista Espírita de 1858, EDICEL, p.305 e segs.

[3] Para um breve histórico da controvérsia criacionismo versus naturalismo, ver o excelente artigo de C. Vitor, A Conscientização da Eternidade, RIE 1998, pp.88-89.

[4] Sobre os princípios da Ciência Espírita acerca da perda do Paraíso, é interessante examinar as instruções psicográficas dadas pelo Espírito de Emmanuel no livro A Caminho da Luz: A História da Civilização à Luz do Espiritismo. Algumas hipóteses sistemáticas e polémicas foram levantadas por Edgar Armond na obra Os Exilados de Capela. Tais instruções, contudo, até onde sabemos, não passaram pela verificação universal, para que possam ser consideradas princípios integrantes da Doutrina. É importante, contudo, dar grande peso à veracidade às hipóteses reveladas por Emmanuel, dada sua elevação espiritual demonstrada por suas obras.

[5] A Gênese Segundo o Espiritismo. Trad. Guilon Ribeiro. FEB, 1988, p.238.

A GÊNESE – PARTE 4

I. Introdução

Este artigo é a conclusão de uma série de artigos sobre a Gênese. Para compreendê-lo, pedimos aos leitores que comecem sua leitura pela primeira parte. Salientaremos, aqui, algumas relações desta importante obra com Obras Póstumas, especificamente com a *Constituição Transitória do Espiritismo*.

II. Em busca da verdadeira Ciência Espiritual-Material ou A Ciência Divina de Cristo

A metodologia utilizada para compor a teoria sobre a gênese é precisa é homogênea na extensão dos assuntos tratados pelo Codificador. Muito mais que uma obra completa sobre diversos temas, ela é uma obra metodológica, isto é, ela abre caminhos para se efetivar uma pesquisa profunda sobre os temas iniciais, de modo a dar-lhes um *progressivo aprofundamento*. Temos, neste ponto, que relacioná-la com o princípios da constituição transitória do Espiritismo, posto que tem a ver com o avanço da doutrina após a sua formação, e assim podemos deduzir conseqüências para a unidade progressiva. do Movimento Espírita orientado pelos princípios da Constituição Transitória. Em que consiste tal unidade ?

Em outro artigo, fizemos algumas considerações sobre os princípios com base nos quais devem ser constituídos todos os outros princípios doutrinários a serem acrescentados na doutrina. Para Kardec, a Doutrina, do ponto de vista histórico, consistia em duas partes: uma constituição definitiva, contendo os princípios adquiridos por meio do *critério de compatibilidade com os atributos divinos* e do *princípio de verificação universal*, que são dois princípios reguladores. Procuramos, naquele artigo, ressaltar a noção programática de doutrina, ou simplesmente, *programa da Doutrina*, expressão que foi utilizada por Kardec. Semelhante noção tem a ver com o progresso, com o andamento do Espiritismo, ou "marcha", no dizer do Codificador. A idéia do codificador seria a seguinte: o Espiritismo deveria progredir nos séculos, após sua elaboração no séc. XIX, tendo uma parte fixa e outra móvel.

A primeira parte foi denominada *constituição definitiva ou adquirida*, contendo os princípios constitutivos e sancionados pela verificação universal; a outra, *constituição orgânica ou transitória*, contendo as hipóteses relativas aos sistemas que ainda estariam no plano das discussões, sendo portanto recolhidos e coordenados (codificados) postos à prova por meio da verificação universal.

O Codificador procurou, então, por assim dizer, o 'justo meio aristotélico' entre duas situações previsíveis, desfavoráveis e extremadas para um movimento espírita possível: **1) congelar-se no tempo, numa unidade rígida de princípios e 2) dissolver-se num amontoado de hipóteses sistemáticas, sem unidade. O plano do Codificador era o de orientar o movimento espírita, combinando sabiamente dois princípios reguladores de todos os princípios constitutivos: o da unidade e o do progresso, formando então um terceiro princípio, o princípio de unidade progressiva, que sustentaria tanto a unidade da doutrina e do movimento espírita, bem como a sua progressão, em conformidade aos tempos que mudam.** O trecho a seguir ilustra tal idéia, infelizmente esquecida hoje. É um trecho um tanto longo, mas pedimos a paciência do leitor para a leitura, para a qual oferecemos uma tradução alternativa às consagradas pela FEB, apresentado o original, *pari passu*.

OEUVRES POSTHUMES
LA CONSTITUTION DU SPIRITISME
III
DES SCHISMES

... Le programme de la doctrine ne sera donc invariable que sur les principes passés à l'état de vérités constatées ; pour les autres, elle ne les admettra, comme elle l'a toujours fait, qu'à titre d'hypothèses jusqu'à confirmation. S'il lui est démontré qu'elle est dans l'erreur, sur un point, elle se modifiera sur ce point. La vérité absolue est éternelle, et, par cela même, invariable ; mais qui peut se flatter de la posséder tout entière ? Dans l'état d'imperfection de nos connaissances, ce qui nous semble faux aujourd'hui peut être reconnu vrai demain, par suite de la découverte de nouvelles lois ; il en est ainsi dans l'ordre moral comme dans l'ordre physique. C'est contre cette éventualité que la doctrine ne doit jamais se trouver au dépourvu. Le principe progressif, qu'elle inscrit dans son code, sera la sauvegarde de sa perpétuité, et son unité sera maintenue précisément parce qu'elle ne repose pas sur le principe de l'immobilité.

L'immobilité, au lieu d'être une force, devient une cause de faiblesse et de ruine pour qui ne suit pas le mouvement général ; elle rompt l'unité, parce que ceux qui veulent aller en avant se séparent de ceux qui s'obstinent à rester en arrière...

OBRAS PÓSTUMAS
A CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO

III DOS CISMAS

... O programa da doutrina não será, pois, invariável senão quanto aos princípios que passaram ao estado de verdades constatadas: quanto aos outros princípios, o programa não os admitirá, tal como sempre tem sempre feito, senão à título de hipóteses, até a confirmação. Se o Espiritismo estiver errado sobre um ponto, ele se modificará neste ponto. A verdade absoluta é eterna, e, por esta mesma razão, invariável; mas quem poderá se gabar de possuí-la toda ? No estado de imperfeição de nossos conhecimentos, aquilo que nos parece hoje falso, pode ser reconhecido como verdadeiro amanhã, em face da descoberta de leis novas; isto se sucede assim tanto na ordem moral quanto na ordem física. É contra esta eventualidade que a doutrina jamais poderá deixar de estar prevenida. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio de imobilidade. (itálicos nossos)

A imobilidade, ao invés de ser uma força, tornar-se-ia uma causa de falha e ruína para aqueles que não seguissem o movimento geral; a imobilidade rompe a unidade, porque aqueles que desejam ir a frente separando-se daqueles que se obstinam em permanecer atrás

Em outros momentos, Kardec retoma a noção de programa:

Conseqüentemente, a constituição do Espiritismo tem como complemento necessário, no que concerne à crença, um programa de princípios definidos, sem o qual seria obra sem alcance e sem futuro. Este programa, fruto da experiência adquirida, será o marco indicador do caminho. Para perlustrá-lo com segurança, a par da constituição orgânica, faz-se necessário uma constituição da fé, um credo, se o preferirem, que seja o ponto de referência de todos o adeptos.

Ao mesmo tempo, pondera melhor o Codificador:

Contudo, nem esse programa, nem a constituição transitória orgânica podem ou devem acorrentar o futuro, sob pena e sucumbiram, cedo ou tarde, sob as coações do progresso. Fundado de acordo com o estudo presente dos acontecimentos, tem ele que se modificar e completar à medida que novas observações lhe demonstrarem as deficiências ou os defeitos. As modificações, entretanto, não lhe devem ser introduzidas levianamente, nem com precipitação ... marchando constantemente de harmonia com o progresso, constituição e credo subsistirão na sucessão dos tempos.

Mas, o que as considerações acima têm a ver com a Gênese ? A Gênese foi criada com base nos princípios reguladores; portanto contém constitutivos da doutrina e também hipóteses sistemáticas, dentre as quais se enquadram as que foram formuladas pelo próprio Codificador sobre os assunto controversos tratados em *A Gênese*, tais como a questão do desaparecimento do corpo de Cristo (bem como a posterior polêmica levantada pelo advogado da Corte Imperial de Bordeaux, Roustaing) no livro *Os Milagres do Evangelho* segundo o Espiritismo.

A estrutura da obra, o seu plano de estudos, que estrutura a tábua de matérias, serve como *um roteiro para novas investigações progressivas*, posto que a Doutrina, como vimos nas citações acima, deve se fundamentar no princípio regulador de progressividade da Ciência Espírita. Portanto, à nosso ver, a obra de pesquisa ainda continua, e os estudos sobre a Gênese devem ser corrigidos em alguns pontos, conservados em outros para que possa ser ampliada de modo a conformar-se com a Ciência atual, incorporando seus resultados, e ampliado o domínio da ciência no conhecimento do mundo espiritual, via Ciência Espírita, segundo a metodologia proposta pelo mestre de Lyon.

Se resumimos o progresso da Doutrina, temos a relação:

Programa da Doutrina = { Princípios das Ciências Espírita e Material } + { Hipóteses das Ciências Espírita e Material } sendo a primeira parte relativa à constituição definitiva, que não muda no tempo e a segunda relativa à constituição transitória, que muda no tempo, temos que os estudos sobre *A Gênese*, resumidos no quadro anterior, poderiam ser postos em prática a fim de, quiçá, chegar a reconstituir a ciência

profunda e divina, a Ciência Espiritual de Cristo, que realizaria o antigo projeto dos filósofos: o de aperfeiçoar a humanidade, elevando-a para Deus.

A GÊNESE – PARTE 4

I. Introdução

Este artigo é a conclusão de uma série de artigos sobre a Gênese. Para compreendê-lo, pedimos aos leitores que comecem sua leitura pela primeira parte. Salientaremos, aqui, algumas relações desta importante obra com Obras Póstumas, especificamente com a *Constituição Transitória do Espiritismo*.

II. Em busca da verdadeira Ciência Espiritual-Material ou A Ciência Divina de Cristo

A metodologia utilizada para compor a teoria sobre a gênese é precisa e homogênea na extensão dos assuntos tratados pelo Codificador. Muito mais que uma obra completa sobre diversos temas, ela é uma obra metodológica, isto é, ela abre caminhos para se efetivar uma pesquisa profunda sobre os temas iniciais, de modo a dar-lhes um *progressivo aprofundamento*. Temos, neste ponto, que relacioná-la com o princípios da constituição transitória do Espiritismo, posto que tem a ver com o avanço da doutrina após a sua formação, e assim podemos deduzir conseqüências para a unidade progressiva do Movimento Espírita orientado pelos princípios da Constituição Transitória. Em que consiste tal unidade ?

Em outro artigo, fizemos algumas considerações sobre os princípios com base nos quais devem ser constituídos todos os outros princípios doutrinários a serem acrescentados na doutrina. Para Kardec, a Doutrina, do ponto de vista histórico, consistia em duas partes: uma constituição definitiva, contendo os princípios adquiridos por meio do *critério de compatibilidade com os atributos divinos* e do *princípio de verificação universal*, que são dois princípios reguladores. Procuramos, naquele artigo, ressaltar a noção programática de doutrina, ou simplesmente, *programa da Doutrina*, expressão que foi utilizada por Kardec. Semelhante noção tem a ver com o progresso, com o andamento do Espiritismo, ou "marcha", no dizer do Codificador. A idéia do codificador seria a seguinte: o Espiritismo deveria progredir nos séculos, após sua elaboração no séc. XIX, tendo uma parte fixa e outra móvel.

A primeira parte foi denominada *constituição definitiva ou adquirida*, contendo os princípios constitutivos e sancionados pela verificação universal; a outra, *constituição orgânica ou transitória*, contendo as hipóteses relativas aos sistemas que ainda estariam no plano das discussões, sendo portanto recolhidos e coordenados (codificados) postos à prova por meio da verificação universal.

O Codificador procurou, então, por assim dizer, o 'justo meio aristotélico' entre duas situações previsíveis, desfavoráveis e extremadas para um movimento espírita possível: **1) congelar-se no tempo, numa unidade rígida de princípios e 2) dissolver-se num amontoado de hipóteses sistemáticas, sem unidade. O plano do Codificador era o de orientar o movimento espírita, combinando sabiamente dois princípios reguladores de todos os princípios constitutivos: o da unidade e o do progresso, formando então um terceiro princípio, o princípio de unidade progressiva, que sustentaria tanto a unidade da doutrina e do movimento espírita, bem como a sua progressão, em conformidade aos tempos que mudam.** O trecho a seguir ilustra tal idéia, infelizmente esquecida hoje. É um trecho um tanto longo, mas pedimos a paciência do leitor para a leitura, para a qual oferecemos uma tradução alternativa às consagradas pela FEB, apresentado o original, *pari passu*.

*OEUVRES POSTHUMES
LA CONSTITUTION DU SPIRITISME
III
DES SCHISMES*

... Le programme de la doctrine ne sera donc invariable que sur les principes passés à l'état de vérités constatées ; pour les autres, elle ne les admettra, comme elle l'a toujours fait, qu'à titre d'hypothèses jusqu'à confirmation. S'il lui est démontré qu'elle est dans l'erreur, sur un point, elle se modifiera sur ce

point. La vérité absolue est éternelle, et, par cela même, invariable ; mais qui peut se flatter de la posséder tout entière ? Dans l'état d'imperfection de nos connaissances, ce qui nous semble faux aujourd'hui peut être reconnu vrai demain, par suite de la découverte de nouvelles lois ; il en est ainsi dans l'ordre moral comme dans l'ordre physique. C'est contre cette éventualité que la doctrine ne doit jamais se trouver au dépourvu. Le principe progressif, qu'elle inscrit dans son code, sera la sauvegarde de sa perpétuité, et son unité sera maintenue précisément parce qu'elle ne repose pas sur le principe de l'immobilité.

L'immobilité, au lieu d'être une force, devient une cause de faiblesse et de ruine pour qui ne suit pas le mouvement général ; elle rompt l'unité, parce que ceux qui veulent aller en avant se séparent de ceux qui s'obstinent à rester en arrière...

*OBRAS PÓSTUMAS
A CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO
III
DOS CISMAS*

... O programa da doutrina não será, pois, invariável senão quanto aos princípios que passaram ao estado de verdades constatadas: quanto aos outros princípios, o programa não os admitirá, tal como sempre tem sempre feito, senão à título de hipóteses, até a confirmação. Se o Espiritismo estiver errado sobre um ponto, ele se modificará neste ponto. A verdade absoluta é eterna, e, por esta mesma razão, invariável; mas quem poderá se gabar de possuí-la toda ? No estado de imperfeição de nosso conhecimentos, aquilo que nos parece hoje falso, pode ser reconhecido como verdadeiro amanhã, em face da descoberta de leis novas; isto se sucede assim tanto na ordem moral quanto na ordem física. É contra esta eventualidade que a doutrina jamais poderá deixar de estar prevenida. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio de imobilidade. (itálicos nossos)

A imobilidade, ao invés de ser uma força, tornar-se-ia uma causa de falha e ruína para aqueles que não seguissem o movimento geral; a imobilidade rompe a unidade, porque aqueles que desejam ir a frente separando-se daqueles que se obstinam em permanecer atrás

Em outros momentos, Kardec retoma a noção de programa:

Conseqüentemente, a constituição do Espiritismo tem como complemento necessário, no que concerne à crença, um programa de princípios definidos, sem o qual seria obra sem alcance e sem futuro. Este programa, fruto da experiência adquirida, será o marco indicador do caminho. Para perlustrá-lo com segurança, a par da constituição orgânica, faz-se necessário uma constituição da fé, um credo, se o preferirem, que seja o ponto de referência de todos o adeptos.

Ao mesmo tempo, pondera melhor o Codificador:

Contudo, nem esse programa, nem a constituição transitória orgânica podem ou devem acorrentar o futuro, sob pena e sucumbiram, cedo ou tarde, sob as coações do progresso. Fundado de acordo com o estudo presente dos acontecimentos, tem ele que se modificar e completar à medida que novas observações lhe demonstrarem as deficiências ou os defeitos. As modificações, entretanto, não lhe devem ser introduzidas levianamente, nem com precipitação ... marchando constantemente de harmonia com o progresso, constituição e credo subsistirão na sucessão dos tempos.

Mas, o que as considerações acima têm a ver com a Gênese ? A Gênese foi criada com base nos princípios reguladores; portanto contém constitutivos da doutrina e também hipóteses sistemáticas, dentre as quais se enquadram as que foram formuladas pelo próprio Codificador sobre os assunto controversos tratados em *A Gênese*, tais como a questão do desaparecimento do corpo de Cristo (bem como a posterior polêmica levantada pelo advogado da Corte Imperial de Bordeaux, Roustaing) no livro *Os Milagres do Evangelho* segundo o Espiritismo.

A estrutura da obra, o seu plano de estudos, que estrutura a tábua de matérias, serve como *um roteiro para novas investigações progressivas*, posto que a Doutrina, como vimos nas citações acima, deve se fundamentar no princípio regulador de progressividade da Ciência Espírita. Portanto, a nosso ver, a obra de pesquisa ainda continua, e os estudos sobre a Gênese devem ser corrigidos em alguns pontos, conservados em outros para que possa ser ampliada de modo a conformar-se com a Ciência atual, incorporando seus resultados, e ampliado o domínio da ciência no conhecimento do mundo espiritual, via Ciência Espírita, segundo a metodologia proposta pelo mestre de Lyon.

Se resumimos o progresso da Doutrina, temos a relação:

Programa da Doutrina = { Princípios das Ciências Espírita e Material } + { Hipóteses das Ciências Espírita e Material } sendo a primeira parte relativa à constituição definitiva, que não muda no tempo e a segunda relativa à constituição transitória, que muda no tempo, temos que os estudos sobre *A Gênese*, resumidos no quadro anterior, poderiam ser postos em prática a fim de, quiçá, chegar a reconstituir a ciência profunda e divina, a Ciência Espiritual de Cristo, que realizaria o antigo projeto dos filósofos: o de aperfeiçoar a humanidade, elevando-a para Deus.

Gênese espiritual

Princípio espiritual - União do princípio espiritual à matéria - Hipótese sobre a origem do corpo humano - Encarnação dos Espíritos - Reencarnações - Emigrações e imigrações dos Espíritos - Raça adâmica - Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso

Princípio espiritual

1. - A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. E, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios.

De acordo com este princípio: «Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente», ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a idéia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste.

Pela mesma razão, ninguém terá a idéia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, pois, vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre.

2. - O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria.

3. - Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se extinguem para sempre, ao cabo de efêmera existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando o efeito, não podem eles admitir a causa. O materialismo é, pois, conseqüente consigo mesmo, embora não o seja com a razão.

4. - É inata no homem a idéia da perpetuidade do ser espiritual; essa idéia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À idéia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela idéia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo.

5. - São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, nos 16 a 19.)

6. - Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades sui generis que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. - Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente, Deus não lho outorga, nem mesmo pela revelação.

O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. - Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências.

9. - Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade teia havido seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.

União do princípio espiritual à matéria

10. - Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada.

11. - Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: Da alma da Terra.)

12. - Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal.

13. - Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. - O corpo, conseqüentemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação.

A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a habitação e o habitante.

Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. - Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim, for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. - Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco.

Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança.

Encarnação dos Espíritos

17. - O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação.

Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre unia modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispírico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico.

18. - Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. A medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a

influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior.

Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.

Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.

19. - O Espiritismo, pelos fatos cuja observação ele faculta, dá a conhecer os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. - Um fenômeno particular, que a observação igualmente assinala, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado no laço fluídico que o prende ao gérmen, entra em estado de perturbação, que aumenta, à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de sorte que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, começa o Espírito a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que lhes hão de servir às manifestações.

21. - Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões anteriormente adquiridas, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que antes. Ele renasce qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí a bondade do Criador se manifesta, porquanto, adicionada aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado, poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo. Ei-lo, pois, novo homem por mais antigo que seja como Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições precedentes. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se lhe desdobra diante dos olhos e ele julga de como empregou o tempo, se bem ou mal.

22. - Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, sem embargo do esquecimento do passado. Cada Espírito é sempre o mesmo eu, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta, apenas, uma fase da sua existência. O próprio esquecimento se dá tão-só no curso da vida exterior de relação. Durante o sono, desprendido, em parte, dos liames carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria.

23. - Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana.

Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então

de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela feira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.

Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as feiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.

24. - A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, o força a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente.

25. - Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante mais ou menos considerável lapso de tempo, vive da vida espiritual, que é sua vida normal, de tal sorte que insignificante vem a ser o tempo que lhe duram as encarnações, se comparado ao que passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta guiar-se em nova existência, com a idéia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo para a frente no caminho do progresso, um a espécie de escola de aplicação.

26. - Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir. (O Céu e o Inferno, cap. III, nos 8 e seguintes.)

À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, com o subtrair-se à influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como atua em virtude do seu livre-arbítrio, pode ele, por negligência ou má-vontade, retardar o seu avanço; prolonga, conseqüentemente, a duração de suas encarnações materiais, que, então, se lhe tornam uma punição, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo trabalho de depuração executado sobre si mesmo, a extensão do período das encarnações.

27. - O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo ditoso.

28. - Quando, em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, em a qual continuam a progredir, mas noutro sentido e

por outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de adiantamento.

Assim, qualquer que seja o grau em que se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao mais elevado, têm eles suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples servçais, incumbe o desempenho, a princípio inconsciente, depois, cada vez mais inteligente, de tarefas materiais. Por toda parte, no mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ociosidade inútil.

A coletividade dos Espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo do pensamento divino. Sem esse elemento, só há matéria inerte, carente de finalidade, de inteligência, tendo por único motor as forças materiais, cuja exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de problemas. Com a ação do elemento espiritual individualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o homem esbarra em dificuldades insuperáveis.

29. - Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. Donde vinham? Quer eles tenham sido criados naquele momento; quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles nesta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes deles só animais havia. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisionomicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram é o que a observação comprova. Deixemos então de lado a questão da origem, insolúvel por enquanto; consideremos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio e do senso moral o vemos a desempenhar o seu papel humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja transcorrido o período de sua infância, ou, se o preferirem, de sua incubação. Mau grado a analogia do seu envoltório com o dos animais, poderemos diferenciá-lo destes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que o caracterizam. como, debaixo das mesmas vestes grosseiras, distinguimos o rústico do homem civilizado.

30. - Conquanto devessem ser pouco adiantados os primeiros que vieram, pela razão mesma de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos, diferenças sensíveis haveria decerto entre seus caracteres e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agruparam por analogia e simpatia. Achou-se a Terra, assim, povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral (nº 11). Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles. (Revue Spirite, julho de 1860, página 198: «Frenologia e fisiognomia».)

31. - Podem comparar-se os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio particular. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada qual com costumes e caracteres próprios.

32. - Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se às outras, mesmo sem se levar em conta que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os primeiros aí chegados, tornaram ainda mais sensível a diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito, impossível atribuir-se a mesma ancianidade de criação aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civilizados.

Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fazem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível em que se acham seus irmãos mais velhos. Mas, sem dúvida, não será em corpos da mesma raça física,

impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento já não estiver em correspondência com o progresso que hajam alcançado, eles emigrarão daquele meio, para encarnar noutro mais elevado e assim por diante, até que tenham conquistado todas as graduações terrestres, ponto em que deixarão a Terra, para passar a mundos mais avançados. (Revue Spirite, abril de 1862, pág. 97: «Perfectibilidade da raça negra».)

Reencarnações

33. - O princípio da reencarnação é uma conseqüência necessária da lei de progresso. Sem a reencarnação, como se explicaria a diferença que existe entre o presente estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos; acrescentemos que nenhuma conexão haveria entre elas, nenhuma relação necessária; seriam de todo estranhas umas às outras. Por que, então, as de hoje haviam de ser melhor dotadas por Deus, do que as que as precederam? Por que têm aquelas melhor compreensão? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as haverem aprendido? Duvidamos de que alguém saia desses dilemas, a menos admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e lugares, proposição inconciliável com a idéia de uma justiça soberana. (Cap. II, nº 10.)

Admiti, ao contrário, que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que possivelmente foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que para cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências precedentes; que, por conseguinte, as dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, porém que se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, e tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. (O Livro dos Espíritos, Parte 2ª, caps. IV e V.)

34. - Pensam alguns que as diferentes existências da alma se efetuam, passando elas de mundo em mundo e não num mesmo orbe, onde cada Espírito viria uma única vez.

Seria admissível esta doutrina, se todos os habitantes da Terra estivessem no mesmo nível intelectual e moral. Eles então só poderiam progredir indo de um mundo a outro e nenhuma utilidade lhes adviria da encarnação na Terra. Desde que aí se notam a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvajaria que beira o animal até a mais adiantada civilização, é evidente que esse mundo constituiu um vasto campo de progresso. Por que haveria o selvagem de ir procurar alhures o grau de progresso logo acima do em que ele está, quando esse grau se lhe acha ao lado e assim sucessivamente? Por que não teria podido o homem adiantado fazer os seus primeiros estágios senão em mundos inferiores, quando ao seu redor estão seres análogos aos desses mundos? quando, não só de povo a povo, mas no seio do mesmo povo e da mesma família, há diferentes graus de adiantamento? Se fosse assim, Deus houvera feito coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando precisamente esse contacto é que faz que os retardatários avancem.

Não há, pois, necessidade de que os homens mudem de mundo a cada etapa de aperfeiçoamento, como não há de que o estudante mude de colégio para passar de uma classe a outra. Longe de ser isso vantagem para o progresso, ser-lhe-ia um entrave, porquanto o Espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a observação do que ocorre nos graus mais elevados e da possibilidade de reparar seus erros no mesmo meio e em presença dos a quem ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso modo de realizar o seu progresso moral. Após curta coabitação, dispersando-se os Espíritos e tornando-se estranhos uns aos outros, romper-se-iam os laços de família, à falta de tempo para se consolidarem.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência variam, de acordo com os mundos; sob esse aspecto, não há dois perfeitamente idênticos. Os tratados de Física, de Química, de Anatomia, de Medicina, de Botânica, etc., para nada serviriam nos outros mundos; entretanto, não fica perdido o que neles se aprende; não só isso desenvolve a inteligência, como também as idéias que se colhem de tais obras auxiliam a aquisição de outras. (Cap. VI, nos 61 e seguintes.) Se apenas uma única vez fizesse o Espírito a sua aparição, freqüentemente brevíssima, num mesmo mundo, em cada imigração ele se acharia em condições inteiramente diversas; operaria de cada vez sobre elementos novos, com força e segundo leis que desconheceria, antes de ter

tido tempo de elaborar os elementos conhecidos, de os estudar, de os aplicar. Teria de fazer, de cada vez, um novo aprendizado e essas mudanças contínuas representariam um obstáculo ao progresso. O Espírito, portanto, tem que permanecer no mesmo mundo, até que haja adquirido a soma de conhecimentos e o grau de perfeição que esse mundo comporta. (Nº 31.)

Que os Espíritos deixem, por um mundo mais adiantado, aquele do qual nada mais podem auferir, é como deve ser e é. Tal o princípio. Se alguns há que antecipadamente deixam o mundo em que vinham encarnando, é isso devido a causas individuais que Deus pesa em sua sabedoria.

Tudo na criação tem uma finalidade, sem o que Deus não seria nem prudente, nem sábio. Ora, se a Terra se destinasse a ser uma única etapa do progresso para cada indivíduo, que utilidade haveria, para os Espíritos das crianças que morrem em tenra idade, vir passar aí alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante os quais nada podem haurir dele? O mesmo ocorre se pondere com referência aos idiotas e aos cretinos. Uma teoria somente é boa sob a condição de resolver todas as questões a que diz respeito. A questão das mortes prematuras há sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a Doutrina Espírita, que a resolveu de maneira racional e completa.

Para o progresso daqueles que cumprem na Terra uma missão normal, há vantagem real em volverem ao mesmo meio para aí continuarem o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contacto com as mesmas pessoas, a fim de repararem o mal que tenham feito, ou de sofrerem a pena de talão.

Emigrações e imigrações dos Espíritos

35. - No intervalo de suas existências corporais, os Espíritos se encontram no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal.

36. - Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam por massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes ocasionam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por equivalentes quantidades de encarnações. Os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, considerar-se como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovamento da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Na destruição, que por essas catástrofes se verifica, de grande número de corpos, nada mais há do que rompimento de vestiduras; nenhum Espírito perece; eles apenas mudam de planos; em vez de partirem isoladamente, partem em bandos, essa a única diferença, visto que, ou por uma causa ou por outra, fatalmente têm que partir, cedo ou tarde.

As renovações rápidas, quase instantâneas, que se produzem no elemento espiritual da população, por efeito dos flagelos destruidores, apressam o progresso social; sem as emigrações e imigrações que de tempos a tempos lhe vêm dar violento impulso, só com extrema lentidão esse progresso se realizaria.

É de notar-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações que as experimentam. É que elas têm por fim operar uma remodelação na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. - Essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e desencarnada de um planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente, nas condições normais, quer por massas, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, donde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. Novas raças de Espíritos, vindo misturar-se às existentes, constituem novas raças de homens. Ora, como os Espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, consigo trazem eles sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, o que faz que imprimam o caráter que lhes é peculiar à raça corpórea que venham animar. Para isso, só necessitam de que novos corpos sejam criados para serem por eles usados.

Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber. Não são mais, portanto, do que novos habitantes. Em chegando à Terra, integram-lhe, a princípio, a população espiritual; depois, encarnam, como os outros.

Raça adâmica

38. - De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus.

Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.

39. - No estado atual dos conhecimentos, não é admissível a doutrina segundo a qual todo o gênero humano procede de uma individualidade única, de há seis mil anos somente a esta parte. Tomadas à ordem física e à ordem moral, as considerações que a contradizem se resumem no seguinte

Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos particulares, que não permitem se lhes assinalar uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol tosta e brune a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanuzado e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie.

Há-se, pois, de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações se aplicam, conseqüentemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (Cap. X, nos 2 e seguintes.)

40. - Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens sobremaneira inteligentes, pois que, desde a segunda geração, constróem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. São rápidos e duradouros seus progressos nas artes e nas ciências. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido, como ramos, numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda em nossos dias rastejam a animalidade, que hajam perdido todos os traços e, até, a menor lembrança do que faziam seus pais. Tão radical diferença nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento morai atesta, com evidência não menor, uma diferença de origem.

41. - Independentemente dos fatos geológicos, da população do globo se tira a prova da existência do homem na Terra, antes da época fixada pela Gênese.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, dizem, a trinta mil anos, documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países já eram povoados e floresciam, pelo menos, três mil anos antes da era cristã, mil anos, portanto, depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não consentem hoje dúvida alguma quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, donde se tem de concluir que essa região já era povoada naquela época. Forçoso então seria admitir-se que, em mil anos, a posteridade de um único homem pôde povoar a maior parte da Terra. Ora, semelhante fecundidade estaria em antagonismo com todas as leis antropológicas. (1)

(1) Na Exposição Universal de 1867, apresentaram-se antigüidades do México que nenhuma dúvida deixam sobre as relações que os povos desse país tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, numa nota afixada no templo mexicano da Exposição, assim se exprimia:

"Não é conveniente se publiquem, prematuramente, as descobertas feitas, do ponto de vista da história do homem, pela recente expedição científica do México. Entretanto, nada se opõe a que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande numero de cidades desaparecidas com o tempo, mas que a picareta e o incêndio podem retirar de suas mortalhas. As escavações puseram a descoberto, por toda parte, três camadas de civilizações, que dão ao mundo americano uma antigüidade fabulosa.

" É assim que todos os dias a Ciência opõe o desmentido dos fatos à doutrina que limita a 6.000 anos a aparição do homem na Terra e pretende fazê-lo derivar de um tronco único.

42. - Ainda mais evidente se torna a impossibilidade, desde que se admita, com a Gênese, que o dilúvio destruiu todo o gênero humano, com exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2.348 anos antes da era cristã. Em realidade, pois, daquele patriarca é que dataria o povoamento da Terra. Ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, 612 anos após o dilúvio, já o Egito era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outros países, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria de espantar que houvessem perdido a lembrança de uma tão próxima comunidade de origem, quando conservaram religiosamente os monumentos de sua história.

Rigorosa lógica, com os fatos a corroborá-la da maneira mais peremptória, mostra, pois, que o homem está na Terra desde tempo indeterminado, muito anterior à época que a Gênese assinala. O mesmo ocorre com a diversidade dos troncos primitivos, porquanto demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre traços autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, ainda mais completa é a demonstração.

Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso (1)

43. - Os mundos progridem, fisicamente, pela elaboração da matéria e, moralmente, pela purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade neles está na razão direta da predominância do bem sobre o mal e a predominância do bem resulta do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência podem eles fazer o mal.

(1) Quando, na Revue Spirite de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.

Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada. É quando se dão as grandes emigrações e imigrações (nos 34 e 35). Os que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveraram no mal, sempre revoltados contra Deus e suas leis, se tornariam daí em diante um embaraço ao ulterior progresso moral, uma causa permanente de perturbação para a tranqüilidade e a felicidade dos bons, pelo que são excluídos da humanidade a que até então pertenceram e tangidos para mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo que expiarão, por uma série de existências penosas e por meio de árduo trabalho, suas passadas faltas e seu voluntário endurecimento.

Que serão tais seres, entre essas outras populações, para eles novas, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos, ali vindos em expiação? Não é, precisamente, para eles, um paraíso perdido a terra donde foram expulsos? Essa terra não lhes era um lugar de delícias, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados por milhares de séculos, até que hajam merecido libertar-se dele? A vaga lembrança intuitiva que guardam da terra donde vieram é uma como longínqua miragem a lhes recordar o que perderam por culpa própria.

44. - Mas, ao mesmo tempo que os maus se afastam do mundo em que habitavam, Espíritos melhores aí os substituem, vindos quer da erraticidade, concernente a esse mundo, quer de um mundo menos adiantado, que mereceram abandonar; Espíritos esses para os quais a nova habitação é uma recompensa. Assim renovada e depurada a população espiritual dos seus piores elementos, ao cabo de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

São às vezes parciais essas mutações, isto é, circunscritas a um povo, a uma raça; doutras vezes, são gerais, quando chega para o globo o período de renovação.

45. - A raça adâmica apresenta todos os caracteres de uma raça proscrita. Os Espíritos que a integram foram exilados para a Terra, já povoada, mas de homens primitivos, imersos na ignorância, que aqueles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça há desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde vieram os Espíritos que a compõem era mais adiantado do que a Terra. Havendo entrado esse mundo numa nova fase de progresso e não tendo tais Espíritos querido, pela sua obstinação, colocar-se à altura desse progresso, lá estariam deslocados e constituiriam um obstáculo à marcha providencial das coisas. Foram, em consequência, desterrados de lá e substituídos por outros que isso mereceram.

Relegando aquela raça para esta terra de labor e de sofrimentos, teve Deus razão para lhe dizer: «Dela tirarás o alimento com o suor da tua frente.» Na sua mansuetude, prometeu-lhe que lhe enviaria um Salvador, isto é, um que a esclareceria sobre o caminho que lhe cumpria tomar, para sair desse lugar de miséria, desse inferno, e ganhar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador ele, com efeito, lho enviou, na pessoa do Cristo, que lhe ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que seria a verdadeira âncora de salvação.

É igualmente com o objetivo de fazer que a Humanidade se adiante em determinado sentido que Espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos a tempos na Terra para desempenhar missões especiais, proveitosas, simultaneamente, ao adiantamento pessoal deles, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

46. - Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contra-senso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do corpo e não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra: nenhuma relação haveria entre as que vieram desde Adão até Jesus-Cristo, nem entre as que vieram depois; todas são estranhas umas às outras. A promessa que Deus fez de um Salvador não poderia entender-se com os descendentes de Adão, uma vez que suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, fora mister se aplicassem às mesmas almas. Se estas são novas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas pai carnal e não pai espiritual. A não ser assim, Deus houvera criado almas com a mácula de uma falta que não podia deixar nelas vestígio, pois que elas não existiam. A doutrina vulgar do pecado original implica, conseqüentemente, a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão; implica, portanto, a reencarnação.

Dizei que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão e que se achavam manchadas dos vícios que lhes acarretaram ser excluídas de um mundo melhor e teréis a única interpretação racional do pecado original, pecado peculiar a cada indivíduo e não resultado da responsabilidade da falta de outrem a quem ele jamais conheceu. Dizei que essas almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra para a vida corpórea, a fim de progredirem, depurando-se; que o Cristo veio esclarecer essas mesmas almas, não só acerca de suas vidas passadas, como também com relação às suas vidas ulteriores e então, mas só então, lhe dareis à missão um sentido real e sério, que a razão pode aceitar.

47. - Um exemplo familiar, mas frisante pela analogia, ainda mais compreensíveis tornará os princípios que acabam de ser expostos.

A 24 de maio de 1861, a fragata Ifigênia transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante lhes baixou uma ordem do dia concebida assim:

«Pondo os pés nesta terra longínqua, já sem dúvida compreendestes o papel que vos está reservado.

«A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma bela e nobre missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente.

«Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras.

«A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer-vos excelentes soldados, digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes.

«A nossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai sabendo, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação... »

Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mau proceder, de um país civilizado e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? - «Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrosa e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem. Tendes nas mãos a vossa sorte; podeis melhorá-la, se o quiserdes, porque tendes o livre-arbítrio.»

Para aqueles homens, lançados ao seio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante, não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: «Desobedecestes às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver ditosos e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas, podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reganhar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o Céu?»

48. - À primeira vista, a idéia de decaimento parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

49. - Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se de súbito em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as tendências que traziam, um resto da velha levedura. Ora, não é esse o pecado original?

Criação

Formação dos mundos – Formação dos seres vivos – Povoamento da Terra. Adão – Diversidade das raças humanas – Pluralidade dos mundos – Considerações e concordâncias bíblicas a respeito da Criação

Formação dos mundos

☀ *O universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e aqueles que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço e os fluidos que o preenchem.*

37 O universo foi criado ou existe desde toda a eternidade, como Deus?

– Sem dúvida, ele não se fez a si mesmo. Se existisse de toda a eternidade, como Deus, não poderia ser obra de Deus.

☀ *A razão nos diz que o universo não se fez por si só e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.*

38 Como Deus criou o universo?

– Para me servir de uma expressão usual: pela Sua vontade. Nada revela melhor essa vontade Todo-poderosa do que estas belas palavras da Gênese: “E Deus disse: ‘Que se faça a luz’. E a luz se fez.”

39 Poderemos conhecer o modo da formação dos mundos?

– Tudo o que se pode dizer e o que podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria espalhada no espaço.

40 Os cometas seriam, como se pensa atualmente, um começo da condensação da matéria, mundos em processo de formação?

– Isso é exato, mas o absurdo é acreditar na influência deles. Quero dizer, na influência que lhes é atribuída vulgarmente, porque todos os corpos celestes influem em certos fenômenos físicos.

41 Um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe ser espalhada de novo no espaço?

– Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos.

42 Podemos saber o tempo de duração da formação dos mundos, da Terra, por exemplo?

– Não posso te dizer, somente o Criador sabe, e bem louco seria quem pretendesse saber ou conhecer o número dos séculos dessa formação.

Formação dos seres vivos

43 Quando a Terra começou a ser povoada?

– No início tudo era o caos, os elementos estavam desordenados. Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar. Então apareceram os seres vivos apropriados ao estado do globo.

44 De onde vieram os seres vivos da Terra?

– A Terra continha os germes que aguardavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se agregaram desde que cessou a força que os mantinha separados, e eles formaram os germes de todos os seres vivos. Aqueles germes ficaram em estado latente¹, de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até chegar o momento propício para o aparecimento de cada espécie. Então os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.

45 Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

– Eles se encontravam, por assim dizer, no estado de fluido no espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começar uma nova existência em um novo globo².

☀ *A química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos se unindo para formar cristais de uma regularidade constante, segundo cada espécie, desde que se encontrem nas condições adequadas. A menor alteração dessas condições basta para impedir a reunião dos elementos ou, pelo menos, mudar a disposição regular que constitui o cristal. Por que não ocorreria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos sementes de plantas e de animais que somente se desenvolvem a uma temperatura certa e em ambiente propício; vimos grãos de trigo germinar depois de muitos séculos³. Há, portanto, nessas sementes, um princípio latente da vitalidade que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que se passa diariamente sob nossos olhos não pode também ter existido desde a origem do globo? Essa formação dos seres vivos partindo do caos pela força da própria natureza diminui em alguma coisa a grandeza de Deus? Longe disso: responde melhor à idéia que fazemos de Seu poder se exercendo sobre mundos infinitos pela ação de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem seus mistérios e colocou limites às nossas investigações.*

46 Ainda há seres que nascem espontaneamente?

– Sim. Mas o germe primitivo já existia em estado latente. Todos os dias vós mesmos sois testemunhas desse fenômeno. Não dormitam, em estado latente, tanto no homem quanto no animal, bilhões de germes de uma multidão de vermes aguardando o momento de despertar para iniciarem a putrefação que vai provocar a decomposição cadavérica indispensável à sua existência? Este é um pequeno mundo que dorme e se cria.

47 A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

– Sim, e veio a seu tempo. Foi o que levou a dizer que o homem foi formado do limo da Terra.

48 Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e de outros seres vivos sobre a Terra?

– Não, todos os vossos cálculos são hipotéticos, suposições.

49 Se o germe da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam mais espontaneamente os homens, como na sua origem?

– O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, pode-se dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram os elementos necessários para a própria formação da espécie, para transmiti-los de acordo com as leis da reprodução. Ocorreu o mesmo com as diferentes espécies de seres vivos.

Povoamento da Terra. Adão

50 A espécie humana começou por um único homem?

– Não; aquele a quem chamais Adão não foi nem o primeiro, nem o único que povoou a Terra.

51 Podemos saber em que época viveu Adão?

– Mais ou menos na que assinalais: por volta de 4000 anos antes de Cristo.

☀ *O homem cuja tradição se conservou sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram, numa região, após alguns dos grandes cataclismos que abalaram a superfície do globo em diversas épocas e veio a originar uma das raças que o povoam hoje. As leis da natureza se opõem à opinião de que os progressos da humanidade, observados muito antes de Cristo, tenham se realizado em alguns séculos, caso o homem tivesse aparecido na Terra somente a partir da época assinalada para a existência de Adão. Para muitos, Adão é considerado, e com muita razão, mais um mito, uma alegoria, personificando os primeiros tempos do mundo.*

Diversidade das raças humanas

52 De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

– Do clima, da vida e dos costumes. Aconteceria o mesmo com dois filhos de uma mesma mãe que, se educados longe um do outro e de maneira diferente, não se pareceriam em nada quanto ao moral.

53 O homem apareceu em muitos pontos do globo?

– Sim, e em diversas épocas. Esta é uma das causas da diversidade das raças. Depois, os homens, ao se dispersarem sob diferentes climas e ao se misturarem os de raças diferentes, formaram novos tipos.

53 a Essas diferenças constituem espécies distintas?

– Certamente que não, todas são da mesma família. Por acaso, diferentes variedades de um mesmo fruto deixam de pertencer à mesma espécie?

54 Se a espécie humana não procede de um só indivíduo, os homens devem deixar por isso de se considerarem irmãos?

– Todos os homens são irmãos perante Deus, porque são animados pelo Espírito e tendem para o mesmo objetivo. Por que razão deveis sempre tomar as palavras ao pé da letra?

Pluralidade dos mundos

55 Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

– Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como pensa, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Entretanto, há homens que se julgam superiores a tudo e imaginam que somente este pequeno globo tem o privilégio de ter seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o universo só para eles.

☀ *Deus povoou os mundos com seres vivos, todos convergindo para o objetivo final da Providência. Acreditar que só existem seres vivos no planeta que habitamos seria colocar em dúvida a sabedoria de Deus, que não faz nada inútil. A cada um desses mundos Deus deve ter dado uma destinação mais séria do que divertir as nossas vistas. Nada, aliás, nem pela posição, nem pelo volume, nem pela constituição física da Terra, pode razoavelmente fazer supor que seja a única a ter o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.*

56 A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

– Não. Não se assemelham em nada.

57 Como a constituição física dos mundos não é a mesma, podemos concluir que os seres que os habitam têm corpos e uma organização diferente?

– Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros, no ar.

58 Os mundos mais afastados do Sol são privados da luz e do calor, já que o Sol apenas se mostra para eles com a aparência de uma estrela?

– Acreditais então que não há outras fontes de luz e de calor além do Sol, e não considerais o valor e a importância da eletricidade que, em alguns mundos, desempenha um papel que vos é desconhecido e muito mais importante do que na Terra? Aliás, já dissemos que os seres desses mundos não são nem da mesma matéria nem têm os órgãos dispostos como os vossos.

☀ *As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que vivem. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água. É assim em outros mundos, que contêm, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos. Não vemos, na Terra, longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais⁴? O que há de impossível em que, em certos mundos, a eletricidade seja mais abundante do que na Terra e tenha aplicações e funções, cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, portanto, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes.*

Considerações e concordâncias bíblicas a respeito da Criação

59 ☀ *Os povos formaram idéias muito divergentes a respeito da Criação, conforme o grau de seus conhecimentos. A razão, apoiada na ciência, reconheceu a impossibilidade e a contradição de algumas teorias. O ensinamento dos Espíritos a esse respeito confirma a opinião desde há muito tempo admitida pelos homens mais esclarecidos.*

A objeção que se pode fazer a essa teoria é que está em contradição com o texto dos livros bíblicos, mas um exame sério fará reconhecer que essa contradição é mais aparente do que real e resulta da interpretação dada a certas passagens dos textos que em geral têm um sentido alegórico, figurado.

A questão do primeiro homem, Adão, ter sido a única fonte que originou a humanidade não é o único ponto sobre o qual as crenças religiosas tiveram que se modificar. O movimento da Terra pareceu, em certa época, de tal modo oposto ao texto bíblico que não houve forma de perseguição da qual essa teoria não tenha sido o pretexto e, entretanto, a Terra gira, apesar dos anátemas⁵, e ninguém hoje poderia contestá-lo sem depreciar a sua própria razão e submeter-se ao ridículo.

A Bíblia diz igualmente que o mundo foi criado em seis dias e fixa a época da criação por volta de 4 000⁶ anos antes da Era Cristã. Antes disso, a Terra não existia, ela foi tirada do nada; o texto é formal, é claro.

Mas, eis que a ciência positiva, a ciência inabalável, vem provar o contrário. A formação do globo está gravada em caracteres nítidos e indiscutíveis no mundo fóssil⁷, e está provado que os seis dias da criação representam períodos que podem constituir-se, cada um, de centenas de milhares de anos. Isso não é um sistema, doutrina, ou opinião isolada; é um fato tão constatado quanto o movimento da Terra, que a teologia⁸ não pode recusar-se a admitir, prova evidente do erro em que se está sujeito a cair por tomar ao pé da letra as expressões de uma linguagem freqüentemente figurada. Devemos por isso concluir que a Bíblia está errada? Não. Mas podemos concluir que os homens, em muitos pontos, se enganaram ao interpretá-la.

A ciência, ao escavar os arquivos da Terra, descobriu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram na sua superfície, e essa ordem está de acordo com a que é indicada na Gênese⁹, com a diferença de que toda a Criação, em vez de ter saído miraculosamente das mãos de Deus em algumas horas, conforme está escrito no Gênese, se realizou sempre pela Sua vontade, mas de acordo com a lei das forças da natureza, em alguns milhões de anos. Deus é por isso menor e menos poderoso? Sua obra é menos sublime por não ter o prestígio da instantaneidade? Evidente que não. Seria preciso fazer da Divindade uma idéia bem mesquinha para não reconhecer Seu grande poder nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A ciência, longe de diminuir a obra divina, mostra-a sob um aspecto mais grandioso e mais em conformidade com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, em razão de ter se realizado sem anular as leis da natureza.

A ciência, neste ponto concordante com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos; mas, enquanto Moisés, no Gênesis, põe o dilúvio universal no ano de 1654 após a Criação, a Geologia nos mostra o grande cataclismo¹⁰ anterior ao aparecimento do homem na Terra. Até hoje não se encontrou nas camadas primitivas do globo nenhum indício nem da presença do homem nem de animais da mesma categoria do ponto de vista físico. Mas nada prova que isso seja impossível. Muitas descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito. Pode-se, portanto, de um momento para outro, adquirir a certeza material dessa anterioridade da raça humana, e então se reconhecerá que, sobre esse ponto, como em outros, o texto bíblico é um símbolo, uma representação. A questão é saber se o cataclismo geológico é o mesmo que atingiu Noé. O certo é que a duração necessária à formação das camadas fósseis não permite confundi-los, e a partir do momento que se tiverem encontrado traços da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra fatos não há argumentos possíveis e será preciso aceitar esses fatos, como se aceitou o do movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

A existência do homem¹¹ antes do dilúvio geológico, na verdade, ainda é hipotética¹², mas eis aqui um detalhe que revela que não é assim. Ao admitir que o homem tenha aparecido pela primeira vez sobre a Terra 4 000 anos antes de Cristo, e que, 1650 anos mais tarde, toda a raça humana tenha sido destruída, com exceção de uma única família, resulta que o povoamento da Terra ocorreu somente a partir de Noé, ou seja, 2 350 anos antes de nossa era. Porém, quando os hebreus emigraram para o Egito no décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já muito avançado em civilização. A História prova que nessa época também a Índia e outros países estavam igualmente florescentes, sem mesmo se levar em conta a cronologia de alguns outros povos que remonta a uma época ainda bem mais antiga. Teria sido preciso, portanto, que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, ou seja, no espaço de 600 anos, não somente os descendentes de um único homem pudessem povoar todos os imensos países então conhecidos, supondo que os outros não o fossem, mas também que, nesse curto espaço de tempo, a espécie humana pudesse se elevar da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas¹³.

A diversidade das raças vem, ainda, em apoio a essa opinião. O clima e os costumes, sem dúvida, produzem modificações no caráter físico, mas sabe-se até onde pode chegar a influência dessas causas, e o exame fisiológico¹⁴ prova que há entre algumas raças diferenças mais profundas do que o clima pode produzir na constituição física do homem. O cruzamento das raças origina os tipos intermediários. Ele tende a apagar os caracteres extremos, primitivos, mas não os produz; apenas cria variedades. Portanto, em vista disso, para que houvesse cruzamento de raças, seria preciso que houvesse raças distintas. Como explicar a existência de raças tão distintas se lhes dermos uma origem comum e sobretudo tão próxima? Como admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé fossem transformados a ponto de produzir, por exemplo, a raça etíope? Uma transformação desse porte é tão pouco admissível quanto a hipótese de terem uma mesma origem o lobo e o cordeiro, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Mais uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, ao contrário, se admitirmos que a existência do homem é anterior à época que lhe é vulgarmente assinalada; a diversidade das origens; que Adão, que viveu há seis mil anos, tenha povoado uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial e que foi considerada como um cataclismo geológico e, finalmente, atentando para o fato da forma de linguagem alegórica própria do estilo oriental e que se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Por isso é prudente não acusar apressadamente de falsas as doutrinas que podem cedo ou tarde, como tantas outras, desmentir aqueles que as combatem. As idéias religiosas, em vez de perder, se engrandecem ao marchar com a ciência. Esse é o único meio de não mostrar ao ceticismo um lado vulnerável.

-
1. **Estado latente:** neste caso, período entre um estímulo e a reação por ele provocada, em que há falta de atividade. Espécie de dormência dos elementos (N. E.).
 2. Essa afirmativa, no tempo de Kardec, deve ter causado espanto e estranheza. Atualmente há uma corrente científica que afirma isso categoricamente e aponta como indício o fato de que no fundo dos oceanos ainda se encontra uma placa de limo que teria contido o protoplasma e na qual se

encontravam esses primeiros elementos orgânicos, que viriam a constituir a origem da vida de tudo o que existe no planeta (N. E.).

3. Kardec se refere aos grãos de trigo encontrados nas Pirâmides do Egito, que depois de muitos séculos germinaram (N. E.).
4. **Aurora boreal:** fenômeno observado no Pólo Norte em que a claridade é produzida pela ação de energia magnética. É uma luz fortíssima e de grande beleza (N. E.).
5. **Anátema:** maldição, excomunhão, reprovação, expulsão da Igreja (N. E.).
6. **A criação em 4000 anos:** a ciência comprova que a idade da Terra é de aproximadamente 4,6 bilhões de anos (N. E.).
7. **Fóssil:** resto petrificado ou endurecido de seres vivos que habitaram a Terra, há milhares de anos, e que conservaram suas características mais importantes (N. E.).
8. **Teologia:** estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade e suas relações com os homens; estudo dos dogmas e dos textos sagrados (N. E.).
9. **Gênese:** primeiro livro do Velho Testamento, escrito por Moisés, no qual se descreve a criação do mundo (N. E.).
10. **Cataclismo:** transformação brusca da Terra, abrangendo grande área da crosta; dilúvio, inundação (N. E.).
11. Pesquisas científicas recentes revelaram que o planeta Terra tem aproximadamente 4,6 bilhões de anos; formas rudimentares de vida (algas e bactérias) datam de aproximadamente 4 bilhões de anos; o Homem de Neandertal viveu entre 200 mil e 25 mil anos; e o Homem de Cro-Magnon viveu entre 30 mil e 10 mil anos. – J. Bix – Prometheus Books, 1991, e Enciclopédia *Lello* – (N. E.).
12. **Hipotético:** duvidoso, incerto, fundado em suposições (N. E.).
13. **Antropologia:** ciência que tem como objetivo analisar o homem com base nas características biológicas dos grupos em que se distribui (N. E.).
14. **Fisiologia:** ciência que estuda as funções dos órgãos nos seres vivos, animais ou vegetais (N. E.).

Livro selecionado: "A Gênese"

Geração Espontânea

20. É natural que se inquiria porque não se formam mais seres vivos, nas mesmas condições dos primeiros que apareceram sobre a Terra.

A questão da geração espontânea, que hoje preocupa a ciência, se bem que haja sido resolvida por modos diversos, não pode deixar de lançar luz sobre tal assunto. O problema proposto é o seguinte: em nossos dias formam-se espontaneamente seres orgânicos, unicamente pela união dos elementos constitutivos, sem o concurso de germes preliminares que fossem produtos da geração normal? Em outras palavras, sem pai nem mãe?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente, e se apóiam sobre observações diretas, as quais parecem ser conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns dos outros, e se apóiam sobre este fato, constatado pela experiência, de que os germes de certas espécies vegetais e animais, estando dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre de pé a pergunta relativa à formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém notar que o princípio da geração espontânea não pode aplicar-se evitentemente senão aos seres das ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles nos quais começa a surgir a vida, e cujo organismo, extremamente simples, é de alguma forma rudimentar. São efetivamente aqueles os primeiros que apareceram sobre a Terra, e cuja geração provavelmente foi espontânea. Assistiríamos assim a uma criação permanente, análoga àquela que teve lugar nas primeiras eras do mundo.

22. Mas então, por que não se vêem mais formar da mesma maneira, os seres de organização complexa? Tais seres não existiram sempre, é fato positivo; logo, algum dia tiveram começo. Se o musgo, o líquem, o

zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros, podem se produzir espontaneamente, por que não será o mesmo possível com as árvores, os peixes, cães e cavalos?

Aqui se detém no momento as investigações; o fio condutor se perde, e até que seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses; seria pois imprudente e prematuro tomar os sistemas por verdades absolutas.

23. Se o fato da geração espontânea for demonstrado, embora de qualquer maneira limitada, não deixa de ser um fato capital, uma balisa que se pode colocar no caminho de novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem por esta maneira, quem sabe onde começaram? Quem conhece o segredo de todas essas transformações? Quando se vê o carvalho sair da bolota, quem pode dizer que não exista uma laço misterioso, unindo o pólipo e o elefante? (nº 25).

No estado geral de nossos conhecimentos não podemos enunciar a teoria da geração espontânea permanente, senão como uma hipótese, mas como uma hipótese provável, e que um dia, talvez tome lugar entre as verdades científicas reconhecidas. (1)

(1) "Revue Spirite", julho de 1868, pág. 204: Desenvolvimento da teoria da geração espontânea.

GÊNESE ORGÂNICA

Formação primária dos seres vivos

O estudo das camadas geológicas revela que cada espécie animal e vegetal surgiu simultaneamente em vários pontos do globo, bastante afastados uns dos outros, o que atesta a providência divina, garantindo condições de sobrevivência apesar das vicissitudes a que estavam sujeitas.

A grande Lei de unidade que rege a formação dos corpos inorgânicos preside também a criação material dos seres vivos. A combinação de substâncias elementares como o oxigênio, hidrogênio, carbono, azoto, cloro, iodo, flúor, enxofre, fósforo e todos os metais, formam as substâncias compostas tais como os óxidos, ácidos, álcalis, sais que por sua vez combinados resultam em inúmeras variedades, estudadas em laboratórios pela Química e operadas "em larga escala no grande laboratório da Natureza."

A composição dos corpos ocorre quando existem condições favoráveis como grau de calor, umidade, movimento ou repouso, corrente elétrica, etc, e em função da afinidade molecular de seus princípios elementares que se combinam guardando proporções definidas.

Na origem da Terra os princípios elementares apresentavam-se volatilizados no ar. Com o gradativo resfriamento e sob condições favoráveis, precipitaram-se formando combinações donde resultaram as variedades de carbonatos, sulfatos, etc.

A cristalização é o notável fenômeno resultante da passagem do estado líquido ou gasoso para o sólido assumindo formas regulares de sólidos geométricos tais como, de prisma, cubo, pirâmide. A forma geométrica do corpo corresponde à das moléculas componentes e somente ocorre o fenômeno diante de condições específicas de grau de temperatura e repouso absoluto.

No reino animal e vegetal a composição básica é a mesma dos corpos inorgânicos, principalmente o carbono, oxigênio, hidrogênio, azoto, de cujas combinações e variadas proporções resultam as inúmeras

substâncias orgânicas, desde que encontrem circunstâncias propícias no meio em que se desenvolvem. Alterando-se as condições do meio, diminui ou cessa o desenvolvimento da vida orgânica até que novamente haja as condições ideais para o ressurgimento da vida. Cada espécie de cristal assim como cada espécie orgânica se reproduzem segundo forma e cores semelhantes, por estarem sujeitas à mesma Lei.

Princípio vital

Uma molécula composta por ex. de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto, poderá resultar em um mineral ou, se estiver modificada pelo princípio vital, resultará em uma molécula orgânica. Ao se formarem, portanto, os seres orgânicos assimilam o princípio vital que dá às moléculas propriedades especiais. Sua atividade é alimentada pela ação do funcionamento dos órgãos durante toda a vida até sua extinção.

Pode-se comparar o princípio vital à ação da eletricidade, de modo que os corpos orgânicos seriam como pilhas elétricas que "funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte."

Geração espontânea

Observa-se que no mundo atual o princípio da geração espontânea aplica-se aos seres de organismo extremamente simples, rudimentar, do reino vegetal e animal, como o musgo, o líquen, o zoófito, os vermes intestinais. Muito embora os seres de organização complexa não se reproduzam espontaneamente, não se sabe como começaram, pois ninguém conhece o segredo de todas as transformações, entendendo-se assim a teoria da geração espontânea permanente apenas como hipótese.

Escala dos seres orgânicos

No início da escala situam-se os zoófitos (animais-plantas), que têm a aparência exterior da planta, mantém-se preso ao solo, "mas como o animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação".

As plantas e os animais têm em comum: nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Necessitam de luz, calor, água, ar puro. Enquanto as plantas se mantêm presas ao solo, os animais, um degrau acima, se movimentam, como os pólipos; após o início do desenvolvimento dos órgãos, atividade vital e instintos estão os helmintos, moluscos(lesma, polvo, caracol, ostra), crustáceos(caranguejo, lagosta), insetos (em alguns dos quais se desenvolve o instinto engenhoso, como nas formigas, abelhas, aranhas). Segue-se a ordem dos vertebrados (peixes, répteis, pássaros) e os mamíferos (organização mais complexa).

Se percorrermos a escala degrau por degrau, sem solução de continuidade, chegaremos da planta aos animais vertebrados, podendo compreender a possibilidade de que os animais de organização complexa

sejam o desenvolvimento gradual da espécie imediatamente inferior, até chegar ao primitivo ser elementar. Assim o princípio da geração espontânea aplicar-se-ia somente aos seres de organização elementar, sendo as espécies superiores resultantes das transformações sucessivas daqueles. Após adquirirem a faculdade da reprodução, os cruzamentos originaram novas variedades. A partir daí não mais havia necessidade dos germens primitivos, pelo que desapareceram. Esta teoria, que tende a predominar na Ciência, evidencia a causa de não haver geração espontânea entre animais de organização complexa.

O homem corpóreo

Anatomicamente o homem pertence á classe dos mamíferos, ordem dos bímanos, com pequenas modificações de forma exterior, porém com a mesma composição de todos os animais, com órgãos e funções, modos de nutrição, respiração, secreção e reprodução idênticos. Nasce, vive e morre decompondo-se seu corpo como toda a espécie animal, quando os elementos irão compor novos minerais, vegetais e animais.

Os quadrúmanos (animais com quatro mãos, como o orangotango, chimpanzé, jocoló) também caminham eretos, usam cajados, constroem choças e se alimentam usando as mãos. Isso leva a observação de que "acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior".

Os Seis Dias e os períodos geológicos da Terra

1. -
CAPÍTULO I. - 1. No começo criou Deus o Céu e a Terra. - 2. A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus boiava sobre as águas. - 3. Ora, Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita. - 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. - 5. Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.
6. Disse Deus também: Faça-se o Firmamento no meio das águas e que ele separe das águas as águas. - 7. E Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam acima do Firmamento. E assim se fez. - 8. E Deus deu ao Firmamento o nome de céu; da tarde e da manhã se fez o segundo dia.
9. Disse Deus ainda: Reunam-se num só lugar as águas que estão sob o céu e apareça o elemento árido. E assim se fez. - 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou mar a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bem. - 11. Disse mais Produza a terra a erva verde que traz a semente e árvores frutíferas que dêem frutos cada um de uma espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra. E assim se fez. - 12. A terra então produziu a erva verde que trazia consigo a sua semente, conforme a espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas suas sementes, cada uma de acordo com a sua espécie. E Deus viu que estava bom. - 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.
14. - Deus disse também: Façam-se corpos de luz no firmamento do céu, a fim de que separem o dia da noite e sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. - 15. Brilhem eles no firmamento do céu e iluminem a Terra. E assim se fez. - 16. Deus então fez dois grandes corpos luminosos, um, maior, para presidir ao dia, o outro, menor, para presidir à noite; fez também as estrelas. - 17. E os pôs no firmamento do céu, para brilharem sobre a Terra. - 18. Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que estava bom. - 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Disse Deus ainda: Produzam as águas animais vi vos que nadem nas águas e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu. - 21. Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um de uma espécie, e criou também todos os pássaros, cada um de uma espécie. Viu que estava bom. - 22. E os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. - 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Também disse Deus: Produza a Terra animais vivos, cada um de sua espécie, os animais domésticos e os animais selvagens, em suas diferentes espécies. E assim se fez. - 25. Deus fez, pois, os animais selvagens da Terra em suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um de sua espécie. E Deus viu que estava bom.

26. Disse, em seguida: Façamos o homem a nossa imagem e semelhança e que ele mande sobre os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, sobre toda a Terra e sobre todos os répteis que se movem na terra. - 27. Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea. - 28. Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. - 29. Disse Deus ainda: Dei-vos todas as ervas que trazem sua semente à terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma de uma espécie, a fim de que vos sirvam de alimento. - 30. E deis a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na Terra e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E assim se fez. - 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; eram todas muito boas. - 23. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. - 1. O Céu e a Terra ficaram, pois, acabados assim com todos os seus ornamentos. - 2. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que fizera e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras. - 3. Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara. - 4. Tal a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia que o Senhor fez um e outro. - 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque, o Senhor Deus ainda não tinha feito que chovesse sobre a terra e não havia homem para lavrá-la. - 6. Mas da terra se elevava uma fonte que lhe regava toda a superfície.

7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e lhe espalhou sobre o rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivente e animado.

2. -
Depois das explicações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conformemente aos dados fornecidos pela Ciência, quanto à parte material, e pelo Espiritismo, quanto à parte espiritual, convém ponhamos em confronto com tudo isso o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um faça a comparação e julgue com conhecimento de causa. Algumas explicações complementares bastarão para tornar compreensíveis as partes que precisam de esclarecimentos especiais.

3. - Sobre alguns pontos, há, sem dúvida, notável concordância entre a Gênese moisaica e a doutrina científica; mas, fora erro acreditar que basta se substituírem os seis dias de 24 horas da criação por seis períodos indeterminados, para se tornar completa a analogia. Não menor erro seria o acreditar-se que, afora o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência caminham lado a lado, sendo uma, como se vê, simples paráfrase da outra.

4. - Notemos, em primeiro lugar, que, como já se disse (cap. VII, nº 14), é inteiramente arbitrário o número de seis períodos geológicos, pois que se eleva a mais de vinte e cinco o das formações bem caracterizadas, número que, ao demais, apenas determina as grandes fases gerais. Ele só foi adotado, em começo, para encaixar as coisas, o mais possível, no texto bíblico, numa época, aliás pouco distante, em que se entendia que a Ciência devia ser controlada pela Bíblia. Essa a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, tendo em vista facilitar-lhe a aceitação, se esforçaram por pôr-se de acordo com o texto sagrado. Logo que se apoiou no método experimental, a Ciência sentiu-se mais forte e se emancipou. Hoje, é ela que controla a Bíblia.

Doutro lado, a Geologia, tomando por ponto de partida unicamente a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no cômputo de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Tampouco se ocupa com o Sol, com a Lua e com as estrelas, nem com o conjunto do Universo, assuntos esses que pertencem à Astronomia. Para enquadrar tudo na Gênese, cumpre se acrescentar um primeiro período, que abarque essa ordem de fenômenos e ao qual se poderia chamar - período astronômico.

Além disso, nem todos os geólogos consideram o diluviano como formando um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não mudou sensivelmente o estado climático do globo, nem marcou uma fase nova para as espécies vegetais e animais, pois que, com poucas exceções, as mesmas espécies se encontram, assim antes, como depois do dilúvio. Pode-se, pois, abstrair desse período, sem menosprezo da verdade.

5. - O quadro comparativo aqui abaixo, em o qual se acham resumidos os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite se considere o conjunto e se notem as relações e as diferenças que existem entre os referidos períodos e a Gênese bíblica.

CIÊNCIA	GÊNESE
<p>I. PERÍODO ASTRONÔMICO - Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, em nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas.</p> <p>Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. - Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1º DIA - O Céu e a Terra. - A luz</p>
<p>II. PERÍODO PRIMÁRIO. - Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. - Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares. - Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. - Ausência completa de vida orgânica.</p>	<p>2º DIA - O Firmamento - Separação das águas que estão acima do Firmamento das que lhe estão debaixo.</p>
<p>III. - PERÍODO DE TRANSIÇÃO. - As águas cobrem toda a superfície do globo. - Primeiros depósitos de sedimentos formados pelas águas. - Calor úmido. - O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. - Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. - Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. - Primeiros animais marinhos: zoófitos, polípeiros, crustáceos. - Depósitos de hulha.</p>	<p>3º DIA - As águas que estão debaixo do Firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. - A terra e os mares. - As plantas.</p>
<p>IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. - Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e paludosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Consideráveis depósitos de calcáreos pelas águas. - Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. - Peixes; cetáceos; animais aquáticos e anfíbios.</p>	<p>4º DIA - O Sol, a Lua e as estrelas.</p>
<p>V. PERÍODO TERCIÁRIO. - Grandes intumescimentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. - Atmosfera depurada; temperatura atual produzida pelo calor solar. - Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais da atualidade. Pássaros.</p>	<p>5º DIA - Os peixes e os pássaros.</p>
DILÚVIO UNIVERSAL	
<p>VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS- ILUVIANO. - Terrenos de aluvião. - Vegetais e animais da atualidade. - O homem.</p>	<p>6º DIA - Os animais terrestres. - O homem.</p>

6. - Desse quadro comparativo, o primeiro fato que ressalta é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de maneira rigorosa, como o supõem muitos, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável se verifica na sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, com pequena diferença, e no aparecimento do homem, por último. É esse um fato importante.

Há também coincidência, não quanto à ordem numérica dos períodos, mas quanto ao fato em si, na passagem em que se lê que, ao terceiro dia, «as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e apareceu o elemento árido». É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando as elevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e repeliram as águas, que foram formar os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.

7. - Dizendo que a criação foi feita em seis dias, terá Moisés querido falar de dias de 24 horas, ou terá empregado essa palavra no sentido de período, de duração? É mais provável a primeira hipótese, se nos ativermos ao texto acima, primeiramente, porque esse é o sentido próprio da palavra hebraica *iôm*, traduzida por dia. Depois, a referência à tarde e à manhã, como limitações de cada um dos seis dias, dá lugar a que se suponha haja ele querido falar de dias comuns. Não se pode conceber qualquer dúvida a tal respeito, estando dito, no versículo 5: «Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.» Isto, evidentemente, só se pode aplicar ao dia de 24 horas, constituído de períodos de luz e de trevas. Ainda mais preciso se torna o sentido, quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: «Colocou-as no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.»

Aliás, tudo, na criação, era miraculoso e, desde que se envereda pela senda dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença, até ao momento em que a Geologia surgiu a lhe demonstrar a impossibilidade.

8. - Um dos pontos que mais criticados têm sido na Gênese é o da criação do Sol depois da luz. Tentaram explicá-lo, com o auxílio mesmo dos dados fornecidos pela Geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, por se achar carregada de vapores densos e opacos, a atmosfera terrestre não permitia se visse o Sol que, assim, efetivamente não existia para a Terra. Semelhante explicação seria, porventura, admissível se, naquela época, já houvesse na Terra habitantes que verificassem a presença ou a ausência do Sol. Ora, segundo o próprio Moisés, então, somente plantas havia, as quais, contudo, não teriam podido crescer e multiplicar-se sem o calor solar.

Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz precedeu o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal; é uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, por outra, do fluido que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, havia necessariamente de preceder ao Sol, que é apenas um efeito. O Sol é causa, relativamente à luz que dele se irradia; é efeito, com relação à que recebeu.

Numa câmara escura, uma vela acesa é um pequeno sol. Que é que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do fluido luminoso e concentrou-se num ponto esse fluido. A vela é a causa da luz que se difunde pela câmara; mas, se não existira o princípio luminoso antes da vela, esta não pudera ter sido acesa.

O mesmo se dá com o Sol. O erro provém da idéia falsa, alimentada por longo tempo, de que o Universo inteiro começou com a Terra. Dai o não compreenderem que o Sol pudesse ser criado depois da luz. Em princípio, pois, a asserção de Moisés é perfeitamente exata: é falsa no fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do Sol. Estando, pelo seu movimento de translação, sujeita a esse último, a Terra houve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois que ignorava a lei de gravitação.

Com a mesma idéia se depara na Gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do Vendidad, Ormuz, narrando a origem do mundo, diz: «Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.» (Dicionário de Mitologia Universal.) A forma, aqui, é sem dúvida mais clara e mais científica do que em Moisés e não reclama comentários.

9. - Moisés, evidentemente, partilhava das mais primitivas crenças sobre a cosmogonia. Como os do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa

idéia se acha expressa sem alegoria, nem ambigüidade, neste passo (versículos 6 e seguintes) : «Deus disse: Faça-se o Firmamento no meio das águas para separar das águas as águas. Deus fez o Firmamento e separou as águas que estavam debaixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento.»

(Veja-se: cap. V, Antigos e modernos sistemas do mundo, nos. 3, 4 e 5)

Segundo uma crença antiga, a água era tida como o princípio primitivo, o elemento gerador, pelo que Moisés não fala da criação das águas, parecendo que já elas existiam. «As trevas cobriam o abismo», isto é, as profundezas do espaço, que a imaginação imprecisamente figurava ocupada pelas águas e em trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: «O Espírito de Deus era levado (ou boiava) sobre as águas.» Tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso insulá-la. Imaginou-se então que Deus fizera o Firmamento, uma abóbada sólida, para separar as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

A fim de compreendermos certas partes da Gênese, faz-se indispensável que nos coloquemos no ponto de vista das idéias cosmogônicas da época que ela reflete.

10. - Em face dos progressos da Física e da Astronomia, é insustentável semelhante doutrina (1). Entretanto, Moisés atribui ao próprio Deus aquelas palavras. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, uma de duas: ou Deus se enganou em a narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é de origem divina. Não sendo admissível a primeira hipótese, forçoso é concluir que Moisés apenas exprimiu suas próprias idéias. (Cap. I, nº 3.)

(1) Embora muito grosseiro o erro de tal crença, com ela ainda se embalam presentemente as crianças, como se se tratara de uma verdade sagrada. Só a tremer ousam os educadores aventurar-se a uma tímida interpretação. Como quererem que isso não venha mais tarde a fazer incrédulos?

11. - Ele se houve com mais acerto, dizendo que Deus formou o homem do limo da Terra (2). A Ciência, com efeito, mostra (cap. X) que o corpo do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilota Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

12. - Para espíritos incultos, sem nenhuma idéia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea apresentava qualquer coisa de fantástico que feria a imaginação. O quadro do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era, para tais espíritos, o sinal mais evidente do poder de Deus. Que configuração, com efeito, mais sublime e mais poética desse poder, do que a que estas palavras traçam: «Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita!» Deus, a criar o Universo pela ação lenta e gradual das leis da Natureza, lhes houvera parecido menor e menos poderoso. Fa-zia-se-lhes indispensável qualquer coisa de maravilhoso, que saísse dos moldes comuns, do contrário teriam dito que Deus não era mais hábil do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

(2) O termo hebreu haadam, homem, do qual se compôs Adão e o termo haadama, terra, têm a mesma raiz.

Não rejeitemos, pois, a Gênesis bíblica; ao contrário, estudemo-la, como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo sentido oculto se deve pesquisar; que se devem comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência. Fazendo, porém, ressaltar as suas belezas poéticas e os seus ensinamentos velados pela forma imaginosa, cumpre-se apontar expressamente os erros, no próprio interesse da religião. Esta será muito mais respeitada, quando esses erros deixarem de ser impostos à fé, como verdade, e Deus parecerá maior e mais poderoso, quando não lhe envolverem o nome em fatos de pura invenção.

Perda do paraíso (3)

13. -

CAPÍTULO II. - 9. Ora, o Senhor Deus plantara desde o começo um jardim de delícias, no qual pôs o homem que ele formara. - O Senhor Deus também fizera sair da terra toda espécie de árvores belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar e, no meio do paraíso (4), a árvore da vida, com a árvore da ciência do bem e do mal. (Ele fez sair, Jeová Eloim, da terra (min haadama) toda árvore bela de ver-se e boa para comer-se e a árvore da vida (vehetz hachayim) no meio do jardim e a árvore da ciência do bem e do mal.)

15. - O Senhor tomou, pois, do homem e o colocou em o paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e guardasse. - 16. Deu-lhe também esta ordem e lhe disse: Come de todas as árvores do paraíso. (Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (hal haadam) dizendo: De toda árvore do jardim podes comer.) - 17. Mas, não comas absolutamente o fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porquanto, logo que o comeres, morrerás com toda a certeza. (E da árvore do bem e do mal (oumehetz hadaat tob vara) não comerás, pois que no dia em que dela comeres morrerás.)

(3) Em seguida a alguns versículos se acha a tradução literal do texto hebreu, exprimindo mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

(4) "Paraíso", do latim paradisus, derivado do grego: paradeisos, jardim, vergel, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênesis é hagan, que tem a mesma significação.

14. -

CAPÍTULO III. - 1. Ora, a serpente era o mais fino de todos os animais que o Senhor Deus formara na Terra. E ela disse à mulher: Por que vos ordenou Deus que não comêsseis os frutos de todas as árvores do paraíso? (E a serpente (nâhâsch) era mais astuto do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher (el haïscha): Terá dito Eloim: Não comereis de nenhuma árvore do jardim?) - 2. A mulher respondeu: Comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (Disse ela, a mulher, à serpente, do fruto (miperi) das árvores do jardim podemos comer.) - 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele e que não lhe tocássemos, para que não corramos o perigo de morrer. - 4. A serpente replicou à mulher: Certamente não morreréis. - Mas, é que Deus sabe que, assim houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

6. A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que era belo e agradável à vista. E, tomando dele, o comeu e o deu a seu marido, que também comeu. (Ela viu, a mulher, que ela era boa, a árvore como alimento, e que era desejável a árvore para compreender (léaskil), e tomou de seu fruto, etc.)

8. E como ouvissem a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo jardim, quando sopra um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se ocultarem de diante da sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? - 10. Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu, essa a razão por que me escondi. - 11. O Senhor lhe retrucou: E

como soubeste que estavas nu, senão porque comeste o fruto da árvore da qual eu vos proibi que comêsseis? - 12. Adão lhe respondeu: A mulher que me deste por companheira me apresentou o fruto dessa árvore e eu dele comi. - 13. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Por teres feito isso, serás maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rojar-te-ás sobre o ventre e comerás a terra por todos os dias de tua vida. - 15. Porei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a sua raça e a tua. Ela te esmagará a cabeça e tu tentarás morder-lhe o calcanhar.

16. Deus disse também à mulher: Afiigir-te-ei com muitos males durante a tua gravidez; parirás com dor; estarás sob a dominação de teu marido e ele te dominará. 17. Disse em seguida a Adão: Por haveres escutado a voz de tua mulher e haveres comido do fruto da árvore de que te proibi que comesses, a terra te será maldita por causa do que fizeste e só com muito trabalho tirarás dela com que te alimentes, durante toda a tua vida. - 18. Ela te produzirá espinhos e sarças e te alimentarás com a erva da terra. - 19. E comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra donde foste tirado, porque és pó e em pó te tornarás.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher vestiduras de peles com que os cobriu. - 22. E disse: Eis aí Adão feito um de nós, sabendo o bem e o mal.

Impeçamos, pois, agora, que ele deite a mão à árvore da vida, que também tome do seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida (veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim); comerá dela e viverá eternamente.)

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delicias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra donde ele fora tirado. - 24. E, tendo-o expulsado, colocou querubins (5) diante do jardim de delícias, os quais faziam luzir uma espada de fogo, para guardarem o caminho que levava à árvore da vida.

15. - Sob uma imagem pueril e às vezes ridícula, se nos ativermos à forma, a alegoria oculta freqüentemente as maiores verdades. Haverá fábula mais absurda, à primeira vista, do que a de Saturno, o deus que devorava pedras, tomando-as por seus filhos? Todavia, que de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa figura, se lhe procuramos o sentido moral!

Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe; mas, também, tudo se destrói com o tempo.

Saturno a devorar pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos, seus filhos, visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa a semelhante destruição? Somente Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. É mesmo tão natural essa imagem, que, na linguagem moderna, sem alusão à Fábula antiga, se diz, de uma coisa que afinal se deteriorou, ter sido devorada pelo tempo, carcomida, devastada pelo tempo.

Toda a mitologia pagã, aliás, nada mais é, em realidade, do que um vasto quadro alegórico das diversas faces, boas e más, da Humanidade. Para quem lhe busca o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as modernas fábulas. O absurdo estava em tomarem a forma pelo fundo.

16. - Outro tanto se dá com a Gênese, onde se tem que perceber grandes verdades morais debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

(5) Do hebreu cherub, keroub, boi, charab, lavrar; anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

Adão personifica a Humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais a que ele não sabe resistir. (6)

A árvore, como árvore de vida, é o emblema da vida espiritual; como árvore da Ciência, é o da consciência, que o homem adquire, do bem e do mal, pelo desenvolvimento da sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre um e outro. Assinala o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada unicamente pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore simboliza o objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; concretiza, numa figura única, os motivos de arrastamento ao mal. O comer é sucumbir à tentação. A árvore se ergue no meio do jardim de delícias, para mostrar que a sedução está no seio mesmo dos prazeres e para lembrar que, se dá preponderância aos gozos materiais, o homem se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual. (7)

A morte de que ele é ameaçado, caso infrinja a proibição que se lhe faz, é um aviso das conseqüências inevitáveis, físicas e morais, decorrentes da violação das leis divinas que Deus lhe gravou na consciência. É por demais evidente que aqui não se trata da morte corporal, pois que, depois de cometida a falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas, sim, da morte espiritual, ou, por outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda figurada pela sua expulsão do jardim de delícias.

(6) Está hoje perfeitamente reconhecido que a palavra hebréia haadam não é um nome próprio, mas significa: o homem em geral, a Humanidade, o que destrói toda a estrutura levantada sobre a personalidade de Adão.

(7) Em nenhum texto o fruto é especializado na maçã, palavra que só se encontra nas versões infantis. O termo do texto hebreu é peri, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação de espécie e pode ser tomado em sentido material, moral, alegórico, em sentido próprio e figurado. Para os Israelitas, não há interpretação obrigatória; quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo peri foi traduzido em latim por malum, que se aplica tanto à maçã, como a qualquer espécie de frutos. Deriva do grego melon, participio do verbo melo, interessar, cuidar, atrair.

17. - A serpente está longe hoje de ser tida como tipo da astúcia. Ela, pois, entra aqui mais pela sua forma do que pelo seu caráter, como alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinua como a serpente e da qual, por essa razão, o homem, muitas vezes, não desconfia. Ao demais, se a serpente, por haver enganado a mulher, é que foi condenada a andar de roxo sobre o ventre, dever-se-á deduzir que antes esse animal tinha pernas; mas, neste caso, não era serpente. Por que, então, se há de impor à fé ingênua e crédula das crianças, como verdades, tão evidentes alegorias, com o que, falseando-se-lhes o juízo, se faz que mais tarde venham a considerar a Bíblia um tecido de fábulas absurdas?

Deve-se, além disso, notar que o termo hebreu nâhâsch, traduzido por serpente, vem da raiz nâhâsch, que significa: fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas, podendo, pois, significar: encantador, adivinho. Com esta acepção, ele é encontrado na própria Gênese, cap. XLIV, vv. 5 e 15, a propósito da taça que José mandou esconder no saco de Benjamim: «A taça que roubaste é a em que meu Senhor bebe e de que se serve para adivinhar (nâhâsch) (8). - Ignoras que não há quem me iguale na ciência de adivinhar (nâhâsch)?» - No livro Números, cap. XXIII, v. 23: «Não há encantamentos (nâhâsch) em Jacob, nem

adivinhos em Israel.» Daí o haver a palavra nâhâsch tomado também a significação de serpente, réptil que os encantadores tinham a pretensão de encantar, ou de que se serviam em seus encantamentos.

(8) Deste fato se poderá inferir que os egípcios conheciam a mediunidade pelo copo d'água? (Revue Spirite, de junho do 1868, pág. 161.)

A palavra nâhâsch só foi traduzida por serpente na versão dos Setenta - os quais, segundo Hutcheson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares - versão essa escrita em grego no segundo século da era cristã. As suas inexactidões resultaram, sem dúvida, das modificações que a língua hebraica sofrera no intervalo transcorrido, porquanto o hebreu do tempo de Moisés era uma língua morta, que diferia do hebreu vulgar, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos. (9)

É, pois, provável que Moisés tenha apresentado como sedutor da mulher o desejo de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo Espírito de adivinhação, o que concorda com o sentido primitivo da palavra nâhâsch, adivinhar, e, por outro lado, com estas palavras: «Deus sabe que, logo que houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses. - Ela, a mulher, viu que era cobiçável a árvore para compreender (léaskil) e tomou do seu fruto.»

Não se deve esquecer que Moisés queria proscrever de entre os hebreus a arte da adivinhação praticada pelos egípcios, como o prova o haver proibido que aqueles interrogassem os mortos e o Espírito Píton. (O Céu e o Inferno segundo o Espiritismo, cap. XII.)

18. - A passagem que diz: «O Senhor passeava pelo jardim à tarde, quando se levanta vento brando», é uma imagem ingênua e um tanto pueril, que a crítica não deixou de assinalar; mas, nada tem que surpreenda, se nos reportamos à idéia que os hebreus dos tempos primitivos faziam de Deus. Para aquelas inteligências frustas, incapazes de conceber abstrações, Deus havia de ter uma forma concreta e eles tudo referiam à Humanidade, como único ponto que conheciam. Moisés, por isso, lhes falava como a crianças, por meio de imagens sensíveis.

(9) O termo nâhâsch existia na língua egípcia, com a significação de negro, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. Talvez também por isso é que as esfinges, de origem assíria, eram representadas por uma figura de negro.

No caso de que se trata, tem-se personificada a Potência soberana, como os pagãos personificavam, em figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as idéias abstratas. Mais tarde, os homens despojaram da forma a idéia, do mesmo modo que a criança, tornada adulta, procura o sentido moral dos contos com que a acalentaram. Deve-se, portanto, considerar essa passagem como uma alegoria, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos da sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: «Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim, do lado donde vem o dia.»

19. - Se a falta de Adão consistiu literalmente em ter comido um fruto, ela não poderia, incontestavelmente, pela sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi punida. Não se poderia tampouco admitir, racionalmente, que o fato seja qual geralmente o supõem; se o fosse. teríamos Deus, considerando-o irremissível crime, a condenar a sua própria obra, pois que ele criara o homem para a propagação. Se Adão houvesse entendido assim a proibição de tocar no fruto da árvore e com ela se houvesse conformado escrupulosamente, onde estaria a Humanidade e que teria sido feito dos desígnios do Criador?

Deus não criara Adão e Eva para ficarem sós na Terra; a prova disso está nas próprias palavras que lhes dirige logo depois de os ter formado, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: «Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e submetei-a ao vosso domínio.»

(Gênesis, cap. 1, v. 28.) Uma vez que a multiplicação era lei já no paraíso terrenal, a expulsão deles dali não pode ter tido como causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se ocultarem.

Mas, essa própria vergonha é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado experimenta em presença de quem foi por ele ofendido.

20. - Qual, então, em definitiva, a falta tão grande que mereceu acarretar a reprovação perpétua de todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fraticida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo a pode definir logicamente, porque todos, apegados à letra, giraram dentro de um círculo vicioso.

Sabemos hoje que essa falta não é um ato isolado, pessoal, de um indivíduo, mas que compreende, sob um único fato alegórico, o conjunto das prevaricações de que a Humanidade da Terra, ainda imperfeita, pode tornar-se culpada e que se resumem nisto: infração da lei de Deus. Eis por que a falta do primeiro homem, simbolizando este a Humanidade, tem por símbolo um ato de desobediência.

21. - Dizendo a Adão que ele tiraria da terra a alimentação com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas, por que fez do trabalho uma punição? Que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? Que seria da Terra, se não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Lá está dito (Gênesis, cap. II, vv. 5 e 7): «O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra e não havia nela homens que a cultivassem. O Senhor formou então, do limo da terra, o homem.» Essas palavras, aproximadas destas outras: Enchei a Terra, provam que o homem, desde a sua origem, estava destinado a ocupar toda a Terra e a cultivá-la, assim como, ao demais, que o paraíso não era um lugar circunscrito, a um canto do globo. Se a cultura da terra houvesse de ser uma consequência da falta de Adão, seguir-se-ia que, se Adão não tivesse pecado, a Terra permaneceria inculta e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que disse ele à mulher que, em consequência de haver cometido a falta, pariria com dor? Como pode a dor do parto ser um castigo, quando é um efeito do organismo e quando está provado, fisiologicamente que é uma necessidade? Como pode ser punição uma coisa que se produz segundo as leis da Natureza? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não poderão explicar, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram. Entretanto, podem justificar-se aquelas palavras que parecem tão contraditórias.

22. - Notemos, antes de tudo, que se, no momento de serem criados os dois, as almas de Adão e Eva tivessem vindo do nada, como ainda se ensina, eles haviam de ser bisonhos em todas as coisas; haviam, pois, de ignorar o que é morrer. Estando sós na Terra, como estavam, enquanto viveram no paraíso,

não tinham assistido à morte de ninguém. Como, então, teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como teria Eva podido compreender que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Nenhum sentido, portanto, deviam ter, para Adão e Eva, as palavras de Deus. Mal surgidos do nada, eles não podiam saber como nem por que haviam surgido dali; não podiam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que lhes era feita. Sem nenhuma experiência das condições da vida, pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que ainda mais incompreensível torna a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a Humanidade inteira.

23. - Entretanto, o que constitui para a Teologia um beco sem saída, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriormente realizadas. Admitamos, ao demais, que hajam vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constringido a um trabalho corporal e reconheceremos que a Deus assistia razão para lhes dizer: «No mundo onde, daqui em diante, ides viver, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento, com o suor da vossa frente»; e, à mulher: «Parirás com dor», porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, nos 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão. O anjo que, empunhando uma espada flamejante, veda a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração. (Veja-se, adiante, o cap. XIV, nos 8 e seguintes.)

24. - Caim, depois do assassinio de Abel, responde ao Senhor: A minha iniquidade é extremamente grande, para que me possa ser perdoada. - Vós me expulsais hoje de cima da Terra e eu me irei ocultar da vossa face. Irei fugitivo e vagabundo pela Terra e qualquer um então que me encontre matar-me-á. - O Senhor lhe respondeu: "Não, isto não se dará, porquanto severamente punido será quem matar Caim." E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que não o matassem os que viessem a encontrá-lo.

Tendo-se retirado de diante do Senhor, Caim ficou vagabundo pela Terra e habitou a região oriental do Éden. - Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henoque. Ele construiu (vaiehi bônê; literalmente: estava construindo) uma cidade a que chamou Henoque (Enoquia) do nome de seu filho. (Gênesis, cap. IV, vv. 13 a 16.)

25. - Se nos apegarmos à letra da Gênesis, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo-se Caim retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Seth, depois de cujo nascimento, ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.

Quando, pois, Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, sozinho, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde pudera ele desposá-la? O texto hebreu diz: Ele estava construindo cidade e não: ele construiu, o que indica ação presente e não ulterior. Mas, uma cidade pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.

Dessa própria narrativa, portanto, se tem de inferir que a região era povoada. Ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim.

Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: «Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre matar-me-á», e da resposta que Deus lhe deu. Quem poderia ele temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo de ser morto, uma vez que ele a ninguém iria encontrar? Ora, se havia na Terra outros homens afora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, donde se deduz esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênesis: Adão não é nem o primeiro, nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, nº 34.) (10)

26. - Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo ministrou acerca das relações do princípio espiritual com o princípio material, acerca da natureza da alma, da sua criação em estado de simplicidade e

de ignorância, da sua união com o corpo, da sua indefinida marcha progressiva através de sucessivas existências e através dos mundos, que São outros tantos degraus da senda do aperfeiçoamento, acerca da sua gradual libertação da influência da matéria, mediante o uso do livre-arbítrio, da causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, do fenômeno do nascimento e da morte, da situação do Espírito na erraticidade e, finalmente, do futuro como prêmio de seus esforços por se melhorar e da sua perseverança no bem, para que se fizesse luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe doravante donde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que tem nas mãos o seu futuro e que a duração do seu cativeiro neste mundo unicamente dele depende.

Despida da alegoria acanhada e mesquinha, a Gênese se lhe apresenta grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, ela confundirá a incredulidade e triunfará.

(10) Não é nova esta idéia. La Peyrère, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro Preadamitas, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original da Bíblia, adulterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra era habitada antes da vinda de Adão e essa opinião é hoje a de muitos eclesiásticos esclarecidos.